



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CAMILA MARTINS HERNANDES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A PRÁTICA COM ÊNFASE NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS**

Presidente Prudente - SP
2021

CAMILA MARTINS HERNANDES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A PRÁTICA COM ÊNFASE NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS**

Dissertação apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em educação. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos

Coorientadora: Profa. Dra. Camélia Santana Murgo Mansão

371.92
H557t

Hernandes, Camila Martins.

Transtorno do espectro autista: a prática com ênfase nas políticas públicas educacionais inclusivas. / Camila Martins Hernandez. -- Presidente Prudente, 2021.
109 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2021.

Bibliografia.

Orientadora: Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos.

1. Educação especial. 2. Política de educação. 3. Inclusão. I. Título.

CAMILA MARTINS HERNANDES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A PRÁTICA COM ÊNFASE NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS**

Dissertação apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em educação. Area de concentração: Educação.

Presidente Prudente, 02 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE
Presidente Prudente – SP

Profa. Dra. Camélia Santana Murgos Mansão
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE
Presidente Prudente – SP

Profa. Dra. Elisa Tomoe Moriya Schlunzen
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE
Presidente Prudente – SP

Profa. Dra. Ana Maria Osório Araya
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Presidente Prudente – SP

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que lutam bravamente pelo que deveria ser concedido naturalmente – o respeito, dignidade, e amor. A todos os “pequenos” que já cruzaram o meu caminho, onde pude oferecer o meu melhor. Vocês são grandes.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta pesquisa faz parte da realização de um sonho, resultado de muita oração desde o início. Agradeço a Deus por ter me capacitado para chegar até onde cheguei e me dar forças diariamente para conseguir concluir este sonho em um momento tão atípico e turbulento. Sinto o Seu amor, e sei que tudo isso faz parte de um processo.

À minha família, em especial meus pais, Aurelio e Fatima, por ter proporcionado o privilégio de eu poder estudar e me graduar em uma universidade, e posteriormente me apoiar e incentivar a continuar os meus estudos, sempre acreditando que sou capaz.

Ao professor Vinicius dos Santos Oliveira, professor do curso de Psicologia, que viu capacidade em mim antes mesmo de eu poder acreditar, e que me deu toda a orientação e apoio necessário para que eu pudesse me inscrever para a seleção do Mestrado em Educação em todas as etapas.

Às minhas orientadoras que tive durante todo o processo de pesquisa, Zizi Trevisan, Danielle Santos, e Camélia Murgo, por toda a paciência e sabedoria que tiveram, e por toda a compreensão.

O meu “muito obrigado” para a professora Elisa Tomoe, membro da minha banca, que sempre me encantou com tamanha sabedoria e simplicidade. O mundo precisa de profissionais apaixonados como a senhora.

Um agradecimento especial para o professor Moacir Pereira por todas as contribuições feitas para a melhoria da dissertação.

À todos as crianças com TEA que cruzaram o meu caminho na escola ou na clínica. Vocês com certeza me fizeram mais humana, me fizeram evoluir profissionalmente, mas PRINCIPALMENTE PESSOALMENTE, e ser uma pessoa melhor. Espero fazer a diferença na vida de cada uma assim como vocês fazem na minha.

À todos, muito obrigada!!

“Não quero que a minha vida tenha passado em vão, como a da maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas as pessoas, mesmo àquelas que jamais conheci.” (Anne Frank)

RESUMO

Transtorno do espectro autista: a prática com ênfase nas políticas públicas educacionais inclusivas

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa “Políticas Públicas em Educação, Processos Formativos e Diversidade” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (PPGE/ UNOESTE). O objetivo geral da pesquisa foi de: Analisar, no contexto da Rede Regular de Ensino e na Educação Especial de que maneira os professores compreendem o que é Educação Inclusiva e as políticas públicas educacionais referentes a inclusão das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e como são colocadas em prática. A investigação foi de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, e envolveu uma escola particular da Rede Regular de Ensino e uma Escola Especial, em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), teve aprovação com o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 3997332000005515. Participaram do estudo três (03) professoras de cada escola, que possuem em suas turmas estudantes que estão dentro do espectro autista, totalizando seis (06) professoras. Duas (02) coordenadoras pedagógicas também participaram da pesquisa, sendo uma (01) de cada escola. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as 08 participantes. A análise dos dados segue as proposições da técnica de análise de conteúdo de Bardin, a partir das transcrições das entrevistas. Os resultados respondem a questão central da pesquisa: “as práticas dos professores do Ensino Regular e da Educação Especial, tem atendido as orientações das políticas educacionais, no que se refere ao desenvolvimento de uma educação inclusiva para os estudantes com TEA?”, servindo, sobretudo, de material para reflexão e discussão final de como as políticas públicas podem intervir na qualidade da inserção e inclusão da criança com autismo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; políticas educacionais; educação inclusiva; Rede Regular de Ensino; educação especial.

ABSTRACT

Autistic spectrum disorder: the practice with emphasis on inclusive education public policies

This dissertation is linked to the research line "Public Policies in Education, Formative Processes and Diversity" of the Graduate Program in Education at the University of Oeste Paulista (PPGE/UNOESTE). The general objective of the research was to: Analyze, in the context of the Regular Teaching Network and in Special Education, how teachers understand what Inclusive Education is and the educational public policies regarding the inclusion of people with Autistic Spectrum Disorder (ASD), and how they are put into practice. The investigation was of a qualitative nature, of the case study type, and involved a private school from the Regular Teaching Network and a Special School, in a medium-sized city in the interior of the state of São Paulo. The research was submitted and approved by the Research Ethics Committee (CEP), approved with the Certificate of Presentation of Ethical Appreciation (CAAE) 3997332000005515. Three (03) teachers from each school, who have in their classes participated in the study students who are within the autistic spectrum, totaling six (06) teachers. Two (02) pedagogical coordinators also participated in the survey, one (01) from each school. For data collection, semi-structured interviews were conducted with the 08 participants. Data analysis follows the propositions of Bardin's content analysis technique, based on interview transcripts. The results answer the central question of the research: "has the practices of teachers in Regular Education and Special Education met the guidelines of educational policies, with regard to the development of inclusive education for students with ASD?" above all, as material for reflection and final discussion on how public policies can intervene in the quality of insertion and inclusion of children with autism.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder; educational policies; inclusive education; regular education network; special education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Apresentação	11
1.2	Justificativa	14
1.3	Pergunta da Pesquisa	16
1.4	Objetivos da Pesquisa	16
1.4.1	Objetivo geral.....	16
1.4.2	Objetivo específico	16
1.5	Resumo Analítico dos Capítulos	16
2	METODOLOGIA	18
2.1	Delineamento e procedimentos	18
2.2	O contexto	19
2.3	Participantes da Pesquisa	19
2.4	Procedimentos de Coleta e Análise de Dados	21
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
3.1	Transtorno do Espectro Autista: histórico e definições	23
3.2	Políticas Educacionais para Inclusão de TEA	29
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	49
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	50
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	51
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	52
	APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1	53
	APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2	61
	APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3	69
	APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 4	76
	APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 5	84
	APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 6	90
	APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 7	96
	APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 8	103

1 INTRODUÇÃO

Esta introdução foi estruturada de maneira a contemplar, inicialmente, a trajetória pessoal e profissional da pesquisadora, em um subitem denominado “apresentação” e, em seguida, é apresentada a justificativa acadêmica e teórica, bem como pergunta de pesquisa, e objetivos. Ao final, apresenta-se também o resumo analítico dos capítulos.

1.1 Apresentação

Quando pequena, as pessoas me perguntavam o que eu queria ser quando crescer, de pronto eu dizia: “PROFESSORA”. Não sei dizer ao certo quando foi que esse sonho se perdeu, mas ele se foi.

No final do ensino médio, muitos amigos da escola já tinham claramente em seus pensamentos o que fariam após o término do 3º grau. Uns desejavam entrar na universidade e queriam realizar cursos como: direito, arquitetura, publicidade, jornalismo, entre outros. Os demais iriam ajudar seus pais em suas empresas. Tinham também aqueles que não demonstravam nenhuma preocupação com o seu futuro, ou aqueles que simplesmente não sabiam ainda, enquanto outros estavam desesperados, enfim... muitas tomadas de decisões, muitos caminhos. E eu? A tanto tempo eu não pensava nisso. Era tão imatura com meus 17 anos. Decidi fazer o processo de Orientação Profissional que a própria universidade ofertava gratuitamente. Com certeza esse processo me abriu um leque imenso de oportunidades.

Sempre tive em mente que iria ingressar na universidade, mas não conseguia concluir qual curso desejava fazer. Não havia pressão da família para que eu me sentisse obrigada a entrar em algum curso superior, mas por vontade própria eu queria seguir este caminho para o bem do meu futuro. Até que, por meio do resultado do processo de orientação profissional, finalmente fiquei entre alguns cursos pelos quais me identificava mais: psicologia, serviço social, pedagogia e nutrição. Não sei dizer ao certo qual foi a razão de eu ter feito essa escolha, mas tudo apontava para a psicologia. Acredito que foi a profissão que me escolheu, ao invés de eu ter a escolhido. Hoje pensando com maior maturidade, sinto que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Como cristã, acredito que desde esse

momento, Deus já preparava todo o meu caminho, e que esse teria sido o primeiro passo para o percurso que percorri até os dias de hoje.

Durante a graduação, eu trabalhava como Jovem Aprendiz pelo Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE, no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas - CAPS-AD de Presidente Prudente. Em uma das formações que o CIEE ofertava para os jovens aprendizes, sentei ao lado de uma pessoa que não conhecia. No entanto, nos demos muito bem. Depois de alguns meses, ela me encontrou em uma rede social e enviou uma mensagem. Disse que se lembrou de mim daquele dia, e lembrou que eu cursava psicologia. Sabia de uma vaga de Acompanhante Terapêutica (AT) de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contexto escolar, e me indicou para a psicóloga que estava a procura de uma profissional que estivesse realizando este curso.

Em minha experiência, jamais havia trabalhado como AT e nem mesmo com o público TEA. Apesar de não ter experiência na área naquela época, mesmo não tendo nenhum conhecimento sobre essa temática e sendo algo totalmente desconhecido por mim, decidi tentar. Seja qual for a sua crença, acredito que mais uma vez minha vida foi direcionada pra onde eu precisava estar.

O AT não é necessariamente um profissional da área da psicologia, porém, pode ser mais vantajoso quando o mesmo possui essa formação, devido à extensão de tratamento interventivo que atende demandas específicas da criança em seu cotidiano.

Isso quer dizer que o AT vai acompanhar de perto o estudante, e assim, estimular e desenvolver sua autonomia, bem como aspectos cognitivos, comportamentais, e sociais, em ambientes que são considerados naturais para o indivíduo, por exemplo, a escola.

A permanência de um AT em salas regulares para estudantes com TEA é garantida por lei, para que possam ter um acompanhamento especializado e voltado exclusivamente para si. Tal determinação tem como meta promover a inclusão deste estudante, para o seu desenvolvimento. Vale destacar que a lei que garante esse direito é federal, identificada por 12.764/12 que institui a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Neste sentido, mesmo depois de formada em Psicologia – UNOESTE 2017, continuei as atividades nas escolas como AT, além de trabalhar com a psicologia clínica. Contudo, com a graduação concluída, surgiu a vontade e a necessidade de

entrar no mundo da pesquisa, pois muitas inquietações foram levantadas a partir desta participação diária com as crianças com TEA, dúvidas em relação a uma educação inclusiva, já que a inclusão destes estudantes tornou-se obrigatória na Rede Regular de Ensino no Brasil apenas recentemente, e com essa obrigatoriedade, muitas questões surgiram.

Paralelamente a estas atividades, logo depois de formada e dentro do contexto escolar, foi ressurgindo o desejo de “dar aula”. Com esta experiência, refletia sobre de que forma eu poderia abrir possibilidades para a inclusão das pessoas com TEA.

As pessoas que convivem comigo e me conhecem bem, sabem que: amo psicologia, amo atuar na área da psicologia clínica. Mas, sabem também que desde que entrei no contexto educacional, por meio do estágio em psicologia, meu antigo sonho de ser professora também veio à tona.

Assim, unindo a minha formação e a vivência com as crianças com TEA e mais o desejo de entrar na área educacional, pensei que o Programa de Mestrado em Educação se encaixaria perfeitamente para que eu pudesse pesquisar sobre autismo, inclusão e sobre o contexto educacional. Além disso, com mais esta formação, poderia abrir portas para a docência em ensino superior, sendo uma oportunidade para o futuro e alinhando a minha formação em Psicologia com a possibilidade de “ser professora”, para realizar o meu sonho.

Com o desejo de fazer o mestrado, para aliar os dois desejos profissionais que tinha, pessoas maravilhosas se colocaram em meu caminho e me ajudaram a ingressar nesse universo da pesquisa. Obtive auxílio, apoio e incentivo excepcional do mestre Vinicius Oliveira, que ministra aulas no curso de Psicologia. Lembro-me que ele deu orientações necessárias sobre cada uma das etapas do processo seletivo para ingressar no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Oeste Paulista. Além disso, seguia acreditando que cada pequeno passo, ou não tão pequeno assim, fez e faz parte de algo grande que está por vir, e que tudo isso fará a diferença para mim e para os estudantes com TEA.

Dada esta breve apresentação da minha trajetória pessoal e profissional, partiremos em seguida para justificar a relevância da pesquisa, na área da Educação, em uma perspectiva inclusiva para os estudantes com TEA.

1.2 Justificativa

A inclusão dos alunos com TEA se tornou obrigatória na Rede Regular de Ensino no Brasil apenas recentemente, por meio da Lei Nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, regulamentada pelo Decreto 8.368 de 02 de dezembro de 2014, onde, no Artigo 4º consta:

É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo, garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior. (BRASIL, 2014)

Como pôde ser observado, a inclusão dos estudantes com TEA é garantida em todos os níveis de ensino, envolvendo o infantil, fundamental, médio e superior, sendo uma medida obrigatória. Assim, a demanda de crianças com TEA matriculadas em rede regular de ensino cresceu muito nos últimos anos com o surgimento dessa nova lei e com o acesso à informação, em uma crescente cada vez maior. Como é de se esperar, a comunidade educacional está encontrando dificuldade e hesitação. As instituições de ensino não estão sabendo como intervir diante do que até então era desconhecido por muitos. Assim, foram surgindo os seguintes questionamentos: Como agir? O que fazer? Como estimular o potencial das crianças? Como de fato promover a inclusão? Quais são os limites? Essas eram as dúvidas frequentes que circundam muitas pessoas pelas quais já tive contato a partir das experiências vivenciadas dentro das escolas.

Apesar de ser o esperado que estes dilemas fossem surgir, foi preciso ir muito mais do que apenas questionar. É preciso ir à busca por informação. Desta forma se justifica a realização desta pesquisa, pois com ela almeja-se auxiliar os estudos relacionados com a temática sobre autismo, buscando contribuir para a inclusão qualificada de estudantes com TEA em classes regulares de ensino.

Foi realizado um levantamento do estado do conhecimento dos temas que cercam esta pesquisa, em bases de dados seguras, por meio de pré-descritores definidos (educação inclusiva; educação especial; políticas públicas; políticas públicas educacionais).

PLATAFORMAS UTILIZADAS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS:

- Scielo
- Periódico Capes
- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Scielo: (últimos 5 anos)

- “Transtorno do espectro autista” AND “educação inclusiva” = 5 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “educação especial” = 23 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas” = 4 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas educacionais” = 0 resultado

Capes: (últimos 5 anos)

- “Transtorno do espectro autista” AND “educação inclusiva” = 79 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “educação especial” = 153 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas” = 68 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas educacionais” = 7 resultados

BDTD: (últimos 5 anos)

- “Transtorno do espectro autista” AND “educação inclusiva” = 41 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “educação especial” = 57 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas” = 15 resultados
- “Transtorno do espectro autista” AND “políticas públicas educacionais” = 1 resultado

Através destes resultados foi possível observar que o tema da pesquisa possui muitos estudos relacionados em teses e dissertações, porém, poucos artigos que englobam os mesmos assuntos. Ainda, além disso, foi possível constatar que pouquíssimas pesquisas englobam as 4 temáticas em apenas 1 estudo. Logo, mostra-se aqui o caráter único desta pesquisa, e tamanha importância que ela representa para a comunidade científica.

1.3 Pergunta de pesquisa

As práticas dos professores do Ensino Regular e da Educação Especial, tem atendido as orientações das políticas educacionais, no que se refere ao desenvolvimento de uma educação inclusiva para os estudantes com TEA?

Para responder a esse questionamento, foram elaborados os seguintes objetivos.

1.4 Objetivos da pesquisa

1.4.1 Objetivo geral

Analisar, no contexto da Rede Regular de Ensino e na Educação Especial de que maneira os professores compreendem o que é Educação Inclusiva e as políticas públicas educacionais referentes a inclusão das pessoas com TEA, e como são colocadas em prática.

1.4.2 Objetivos específicos

- Identificar, por meio de levantamento bibliográfico quais são as políticas educacionais relacionadas a inclusão das pessoas com TEA.
- Verificar quais são as políticas públicas existentes no contexto abordado, tanto no processo de inclusão como na Educação Especial, e de que maneira as políticas inclusivas são realizadas na Rede Regular de Ensino, através do pensamento dos profissionais das escolas em que a pesquisa foi realizada.

1.5 Resumo analítico dos capítulos

O capítulo 1 foi elaborado para contextualizar o leitor sobre como foi triado o percurso da pesquisa até chegar no momento de realização da mesma, apresentando também uma contextualização sobre o tema que abrange a pesquisa.

No capítulo 2 é apresentada a metodologia da pesquisa. Nesta parte foi explicado sobre o delineamento da mesma, além de apresentar detalhadamente sobre o contexto pelo qual a pesquisa foi realizada e também sobre quem participou

dela. Após essa parte ser esmiuçada, foi dito sobre os procedimentos de coleta de dados e como foram analisados.

No capítulo 3 foi apresentada a fundamentação teórica da pesquisa, tendo em vista a definição de TEA, histórico e definições, além das políticas públicas educacionais do Brasil, que visam a inclusão de pessoas com TEA.

No capítulo 4 os resultados e discussões da pesquisa são apresentados a partir de dados inerentes ao contexto da pesquisa, com as categorias geradas a partir do que foi coletado e analisado.

Por último, no capítulo 5, temos as considerações finais. E em seguida os apêndices da coleta de dados (entrevistas).

2 METODOLOGIA

2.1 Delineamento e procedimentos

Na metodologia, o pesquisador define e organiza, epistemologicamente, o objeto de pesquisa e seu desenvolvimento. Para isto, é preciso que a metodologia esteja adequada ao que se deseja pesquisar (PESCUMA; CASTILHO, 2008).

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, visto que o intuito é buscar uma compreensão sobre o significado de aspectos sociais e culturais que envolvem o dia a dia dos participantes da pesquisa, por meio de uma descrição que ajuda o leitor a interpretar a situação da realidade pesquisada.

De acordo com Lüdke e Andre (1986), as principais características da pesquisa qualitativa são:

- a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o principal instrumento;
- b) Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos;
- c) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- d) O "significado" que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
- e) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Assim, na pesquisa qualitativa os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima. (LÜDKE; ANDRE, 1986. p. 11, 12 e 13).

Para atingir a esses critérios buscou-se a interpretação de determinado contexto em que o objeto de estudo está inserido, sempre apontando para a realidade de maneira completa e profunda. Para isto, propõem-se uma fonte de informações variadas, com profissionais que estão inseridos em duas escolas distintas, com seus pontos de vista singulares e com suas próprias vivências.

2.2 O contexto

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas duas escolas localizadas em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. Foram escolhidas sabendo que havia a demanda de TEA em ambas, sendo referência na região. Uma escola da Rede Regular de Ensino de seguimento privado, e também uma Escola Especial de seguimento público. A escolha da primeira escola foi feita pelo fato de haver alunos com TEA que estão matriculados em diversos anos escolares do ensino fundamental I e II. Já a segunda escola foi escolhida por ser referência na região no que diz respeito à educação especial para crianças com autismo.

Em seguida, será apresentada uma descrição de cada escola.

Escola da Rede Regular de Ensino:

ER: Nesta escola, que é de seguimento privado, existem 187 alunos matriculados. Dentre estes números, os alunos com TEA estão distribuídos em variados anos escolares. A escola conta com 30 funcionários, que inclusive estão aí inseridos os professores e coordenadores.

Escola Especial:

EE: Esta é uma associação sem fins lucrativos, e nela existem 338 assistidos. Este número é a quantidade geral. Ou seja, aí estão incluídos não só os assistidos que fazem parte do setor da educação, mas também os que fazem parte dos atendimentos de assistência e também os de saúde. Além da parte pedagógica, existem atendimentos voltados pra várias outras áreas, como: psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia, psicopedagogia, serviço social, etc. Os assistidos que fazem o parte do setor da Educação Especial totalizam em 164. Dentro deste número existe a demanda com TEA. A associação conta com 70 funcionários.

2.3 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa fazem parte da equipe escolar, incluindo coordenação e professores. Foram selecionados três (03) professores de cada escola, totalizando seis (06). Estes professores têm em suas turmas estudantes com

TEA. Para participar desta pesquisa também foi selecionado um (01) membro da coordenação de cada uma das escolas (coordenador pedagógico).

As professoras serão identificadas como P1, P2, P3, P4, P5, e P6, para manter o anonimato de cada uma, atendendo os aspectos éticos. Todas as seis professoras participantes são do sexo feminino. Quanto a formação, todas são graduadas em Pedagogia, e uma delas tem a graduação de Letras também. Três tem pós-graduação em Psicopedagogia, uma em Gestão Escolar e duas em Educação Especial, além das especializações em ABA e cursos extras. Quanto às duas coordenadoras que participaram do estudo, serão identificadas por C1 e C2. A C1 tem graduação em Letras e Pedagogia e especialização em Educação Infantil. A coordenadora C2 é graduada em Pedagogia e possui especialização em Psicopedagogia e Educação Especial.

Tabela - Identificação dos participantes

Ident.	Atuação	Tempo	Graduação	Esp.	TEA	F. Et.
<u>C1ER</u>	Ensino Regular	21 anos	Letras Pedagogia	Estudo de texto Educação infantil	-	-
<u>P1ER</u>		11 anos	Pedagogia	Psicopedagogia	02	Ensino fundamental I
<u>P2ER</u>		11 anos	Letras Pedagogia	Gestão Educacional Psicopedagogia Institucional	01	Ensino fundamental I e II
<u>P3ER</u>		18 anos	Pedagogia	Alfabetização	01	Ensino fundamental I
<u>C2EE</u>	Ed. Especial	32 anos	Pedagogia	Psicopedagogia Educação Especial Autismo ABA	-	-
<u>P4EE</u>		11 anos	Pedagogia	Educação Especial Psicopedagogia TECH ABA Ludopedagogia	05	11 a 14 anos
<u>P5EE</u>		10 anos	Pedagogia	Educação Especial Autismo ABA	06	10 a 25 anos
<u>P6EE</u>		13 anos	Pedagogia	Educação Especial ABA	06	5 a 14 anos

Fonte: A autora.

2.4 Procedimentos de coleta e análise de dados

O procedimento utilizado para a obtenção da coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (Apêndices A, B e C) e foram realizadas primeiramente com os professores e posteriormente com os coordenadores de ambas as escolas. O agendamento das entrevistas foi realizado por meio do WhatsApp, pelo celular. Foi deixado a critério dos entrevistados a escolha entre fazer a entrevista por meio de vídeo chamada ou presencial. As professoras da Rede Regular de Ensino optaram por fazer a entrevista por meio de vídeo chamada. Já as professoras da escola especial solicitaram para que a entrevista fosse realizada presencialmente. Neste caso, as entrevistas foram realizadas na própria escola, em uma sala reservada. Com as coordenadoras das duas escolas selecionadas a entrevista foi realizada também por meio de vídeo chamada. Todas as entrevistas foram realizadas de maneira individual.

Os dados desta pesquisa foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que é compreendida como um procedimento de desmembramento dos dados em unidades ou categorias. A categorização, conforme define Bardin (2011), é uma forma de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, posteriormente, por um reagrupamento coerente, seguindo critérios que podem ser definidos antecipadamente ou não. Nesta etapa não foi definido previamente os critérios e categorias para a análise, sendo realizada a categorização temática somente após a coleta e leitura dos dados. A análise dos dados obtidos possibilitaram a criação de cinco categorias temáticas, sendo:

- 1 – Concepções de Educação Inclusiva e Educação Especial;
- 2 – Dificuldades de Professoras e Coordenadoras na inclusão de estudantes com TEA;
- 3 - Adaptações escolares para a inclusão dos estudantes com TEA;
- 4 – Integração família e escola na inclusão do estudantes com TEA;
- 5 – Acompanhante especializado para os estudantes com TEA na rede regular de ensino.

Desse modo, o critério utilizado para a categorização dos dados neste estudo foi semântico, por meio de categorias temáticas. E de acordo com os

procedimentos estabelecidos organizou-se a análise seguindo as três etapas propostas por Bardin (2011):

- 1) pré-análise,
- 2) exploração do material e
- 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será apresentada a fundamentação teórica da pesquisa, tendo em vista a definição de TEA, histórico e definições, além das políticas públicas educacionais do Brasil, que visam a inclusão de pessoas com TEA.

3.1 Transtorno do Espectro Autista: histórico e definições

O TEA, atualmente, é muito mais complexo comparado em como foi retratado no início dos primeiros casos estudados. Eugen Bleuler foi um marcante médico psiquiatra suíço, conhecido por sua grande contribuição em relação a esquizofrenia. Este médico, em 1911, ao se referir ao conceito de “esquizofrenia infantil” introduziu o termo “autismo” para descrever os sintomas das pessoas que apresentavam esta patologia, “para designar a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação” (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 8). Esta nomenclatura caracterizava pessoas com dificuldade extrema de se relacionar e interagir com outras pessoas gerando assim uma propensão ao isolamento social. Ainda assim, o significado de autismo que Bleuler deu é bastante superficial e ficou muito distante do que temos nos dias atuais. (STALZER, 2010)

Já em 1943, uma publicação formal sobre o autismo surgiu para descrever com mais propriedade o, até então, termo citado de forma simplificada por Bleuler. Foi descrito por Leo Kanner, um psiquiatra austríaco que seguiu carreira nos Estados Unidos onde trabalhou em um hospital, e alguns anos depois assumiu cargo de diretor no setor de psiquiatria infantil. No artigo publicado na revista ‘The Nervous Child’, intitulado de “Autistic disturbances of affective contact”, ou em português “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, Kanner relata onze casos dos quais atendeu e observou características específicas (STALZER, 2010). Dentre estes casos observados oito eram meninos e três eram meninas, existiram aspectos que chamaram mais a sua atenção, como:

- as relações sociais e afetivas;
- a comunicação e a linguagem;
- a relação com as mudanças no ambiente e a rotina;

- a hipersensibilidade a estímulos;
- a memória.

De forma geral, o psiquiatra descreve uma característica que indica a falta de habilidade para se relacionar normalmente com as pessoas, o ambiente, e as situações com as quais se deparam (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010).

Logo no ano seguinte, em 1944, Hans Asperger também descreveu casos de autismo, mesmo ainda sem conhecer o trabalho de Kanner antes publicado. Estes casos estudados eram semelhantes aos casos anteriormente observados. Desta forma foi se agregando mais informações para que o assunto pudesse ser discutido com mais força posteriormente. Hans Asperger também foi um médico psiquiatra austríaco, com grande contribuição para alavancar o que temos hoje sobre o TEA. Devido a sua grande importância, a “Síndrome de Asperger” ganhou seu nome e fez parte do DSM-IV para retratar casos leves de autismo. (MELLO, 2016)

Durante muitos anos o autismo esteve associado às psicoses infantis. Só então a partir dos anos 80 ele se emancipou desta categoria e foi reconhecido como um transtorno específico, sendo retratado como parte dos Transtornos Globais do Desenvolvimento na terceira edição do DSM-III, onde muitas características levantadas por Leo Kanner e Hans Asperger continuaram, e ainda continuam, fazendo parte dos critérios diagnósticos do Transtorno (MARFINATI, ABRAO, 2014).

Atualmente o esse manual está na sua 5ª edição (DSM-V). Neste caminho evolutivo foram realizadas mudanças como por exemplo, em relação à terminologia usada para diagnosticar a Síndrome de Asperger, mencionada anteriormente. Os critérios que antes eram usados para categorizar como “síndrome de Asperger”, hoje em dia é tido como um caso de TEA com nível leve de gravidade, ou de nível 1. Atualmente não existe mais o termo “Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação”, apenas o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com toda a caracterização do caso em questão. (MELLO, 2016)

Para começar a definir o TEA, vale ressaltar que “o autismo é uma síndrome, não uma doença [...], pois apesar de seu notável fenótipo comportamental, falta-lhe uma etiologia singular ou uma patologia específica” (TUCHMAN; RAPIN, 2009, p. 23).

Hoje, o TEA, é reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento, e isso significa que seus sintomas estão presentes desde o início do desenvolvimento

neurológico da criança e em todo o seu decorrer. Estes sintomas tendem a apontar para déficits ou excessos comportamentais que influenciam diretamente na qualidade de vida da pessoa que pertence ao espectro. Normalmente os sintomas são detectados entre os dezoito meses até os três anos de idade do indivíduo. Não existem exames laboratoriais que identifiquem e comprovem o transtorno. O diagnóstico é realizado por meio de uma avaliação clínica, normalmente por um médico psiquiatra juntamente com o auxílio de equipe multiprofissional, envolvendo outros profissionais como, por exemplo, o psicólogo, seguindo também os relatos da família e observações realizadas com a criança. Também envolve instrumentos que possam auxiliar: as observações, testes psicológicos, escalas, entrevistas com familiares e professores, etc. Os critérios dos diagnósticos são distribuídos de A até D, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro - Critérios diagnósticos conforme o DSM-V

CRITÉRIO A	CRITÉRIO B	CRITÉRIO C	CRITÉRIO D	CRITÉRIO E
Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos.	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.	Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento.	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.	Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual ou por atraso global do desenvolvimento.

Fonte: a autora.

em fazer amigos e conseqüentemente ao desinteresse social. Para este critério ser válido esse déficit precisa aparecer em diversos cenários e ocasiões na vida da pessoa. Ou seja, não pode ser presente apenas na escola, ou apenas com uma pessoa de seu círculo de convívio, e sim em múltiplos contextos e indivíduos. (NASCIMENTO, 2014).

Outro grupo de características que obrigatoriamente devem existir para que haja o diagnóstico de TEA está relacionado com padrões repetitivos e restritos de comportamentos. Este é o **Critério B** do DSM-V, e nesta categoria estão os padrões repetitivos. Por exemplo, tendem a organizar objetos por tamanhos, cores, seqüências, alinhamento. Girar objetos ou se atentar apenas a alguns detalhes específicos de objetos, ou apego a objetos fora de comum também são alguns indicativos. (NASCIMENTO, 2014).

Gestos repetitivos, ou as famosas estereotipias, são muito comuns em casos do TEA. A princípio pode parecer não ter sentido, mas entre outras, possuem uma finalidade de descarga motora, e são emitidas geralmente em momentos de grande euforia. De acordo com Belisário Filho e Cunha (2010):

As estereotipias são um exemplo da manifestação do prejuízo na flexibilidade. Trata-se de estereotipias sensório-motoras: balançar o corpo, bater palmas, fazer e desfazer, ordenar e desordenar. São rituais simples. Também podemos encontrar rituais mais elaborados, como apego a objetos que são carregados a todos os lugares, controle rigoroso de situações do ambiente ou da rotina e rígido perfeccionismo. (p. 19)

Assim como as estereotipias, a ecolalia também faz parte de um padrão repetitivo que muitas vezes está presente no espectro autista. Ecolalia é um distúrbio de linguagem em que o som emitido por si próprio ou externamente passa a ser repetido pela pessoa de forma imediata ou também tardia. Esta fala repetitiva pode ter um caráter comunicativo ou não. Depende de todo o contexto em que é emitida. Quando possui caráter comunicativo ela tende a reafirmar o que a pessoa deseja, por exemplo. Já quando não possui caráter comunicativo ela entra em uma categoria de fala estereotipada. (MERGL; AZONI, 2015)

Pessoas com TEA também possuem forte tendência a certa inflexibilidade em relação a sua rotina e hábitos. Mudanças, mesmo que pequenas, no modo em como está acostumado com que as coisas aconteçam podem gerar estressores e desordens grandiosas. Exemplos de situações em que isso ocorrem, segundo

Nascimento (2014), DSM-V, são: “dificuldades nas transições de situações ou atividades, pensamento rígido, rituais nos cumprimentos/saudações, necessidade de fazer sempre o mesmo caminho ou comer sempre a mesma comida todos os dias.” (NASCIMENTO, 2014, p. 50)

De acordo com Nascimento (2014), as questões sensoriais do ambiente e estímulos externos podem muitas vezes parecer não estar de acordo com a real proporção e intensidade atribuídas, como por exemplo, temperatura, sons, textura e olfato. Por isso, pode ocorrer de ter pessoas com TEA em pleno inverno recusando-se a vestir um agasalho, ou tampando os ouvidos quando algum ruído específico o incomoda, ou tocando e cheirando alimentos antes de ingeri-lo.

Os **Critérios C e D** reúnem as especificações relacionadas ao tempo e contexto em que os sintomas aparecem na vida de uma criança. Como mencionado anteriormente, por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento, os sintomas devem aparecer desde o início do desenvolvimento neurológico, por isso os sinais normalmente são notados desde os primeiros meses de vida do bebê, onde existe o que é esperado para determinada fase do desenvolvimento típico. Desta maneira, um jovem adulto que começa manifestar as características isoladas que estão listadas nos critérios diagnósticos apenas depois de crescido, não se enquadra neste transtorno, e assim, precisaria ser investigado melhor para compreender o caso em questão.

Para que o TEA seja de fato diagnosticado, os sintomas não são “mais bem explicados por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou atraso global do desenvolvimento.” (NASCIMENTO, 2014), sendo, por fim, o **Critério E**.

Um fato importante a ser refletido aqui é sobre a importância de existir os critérios diagnósticos para que estas pessoas sejam identificadas e seus prognósticos e direitos sejam assegurados, e não para que haja categorização e segregação de pessoas como se elas próprias fossem parte de uma check-list. A finalidade do diagnóstico fechado não é a de segregação, categorização e taxação, e sim para assegurar direitos e também para que existam os tratamentos e intervenções corretos. Embora existam esses critérios para o diagnóstico ser realizado, nenhuma pessoa com esse transtorno possui exatamente as mesmas características diagnósticas umas das outras. Cada um é acometido de forma única, ou seja, podemos encontrar várias pessoas com TEA, e perceber a diferença

gigantesca existente entre elas, suas características, intensidades e suas comorbidades. Desta forma, surge o termo “espectro”, devido a enorme variabilidade de comportamento e seus níveis.

Para classificar o nível de comprometimento do caso, de acordo com o DSM-V, foram definidos três níveis existentes, que são:

- Nível 1: é o considerado mais leve, onde precisa existir um apoio para a pessoa;
- Nível 2, o apoio dado à pessoa com autismo é considerado como “apoio substancial”;
- Nível 3 (considerado como grave) a exigência é de um “apoio muito substancial”. (NASCIMENTO, 2014)

Os níveis de gravidade estão relacionados com o grau de comprometimento de cada sintoma do espectro autista, também dizem respeito à autonomia e independência da pessoa.

Pouco se conhece sobre o que de fato causa o TEA. Com intuito de encontrar uma resposta para esta questão, já existiram várias especulações sobre este assunto, mas nenhuma foi comprovada de fato. A hipótese mais polêmica surgiu a partir de um relato de Kanner, sendo mal interpretado, por volta do ano de 1960. Nesta hipótese, a causa do autismo era responsabilidade de uma mãe não afetuosa para com o seu filho, e por sua indiferença a ele. Em razão desse modelo, a expressão “mãe-geladeira” surgiu e ganhou notoriedade, porém, esta teoria mostrou-se falsa e sem nenhum dado científico que a fizesse comprovada (CASTANHA, 2016). Também já houve a hipótese de a causa do transtorno estar diretamente relacionada com algumas vacinas que o bebê recebe no início de sua vida. Sobretudo, em relação a este fato a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) declarou em abril de 2017:

“Os dados epidemiológicos disponíveis são conclusivos de que não há evidência de uma associação causal entre a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola e o transtorno do espectro autista. Estudos anteriores que sugerem uma ligação causal estavam marcados por erros metodológicos.” (OPAS, 2017).

Atualmente, a única informação que se conhece e é aceita até então, é que a causa está intimamente ligada tanto em fatores genéticos quanto em fatores ambientais.

Diante destas questões apresentadas, foram se definindo as políticas públicas educacionais para a inclusão destes estudantes.

3.2 Políticas Educacionais para a Inclusão de TEA

As políticas públicas precisam assegurar para todos os cidadãos, de forma específica para cada grupo de pessoas, os direitos a elas direcionados.

O conceito de deficiência evoluiu ao longo da história graças às mudanças originadas pela sociedade. O crescimento das políticas públicas educacionais, voltadas às crianças com autismo está intimamente ligada, principalmente, à luta incessante de pais que foram em busca da garantia dos direitos de seus filhos. Estas ações ocorriam justamente pela falta de políticas que pudessem assegurar o direito das pessoas com TEA. Foi assim que em 1983 surgiu a primeira associação destinada a essas pessoas no Brasil. A primeira delas foi a Associação dos Amigos dos Autistas de São Paulo (AMA-SP), inicialmente para que a partir dela, as pessoas pudessem reunir mais conhecimentos sobre do que se tratava esse transtorno, além de trocar experiências e também descobrir formas de como acolher a demanda que se fazia por possuir essas pessoas na família.

Depois da AMA-SP, outras associações também surgiram, como a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), a Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Autismo (ABRAÇA) e a Fundação Mundo Azul, trazendo grande contribuição para a sociedade, dando voz para muitas famílias, e que conseqüentemente “têm, por meio de mobilizações políticas, manifestado sua luta por direitos, apontando as lacunas assistenciais vivenciadas na saga por tratamentos e diagnósticos”. (OLIVEIRA *et al.*, 2017)

Segundo o art. 54º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990): “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;” (BRASIL, 1990)

Mas quem, afinal, seriam os “portadores de deficiência”, ou com a terminologia correta atualmente, “pessoas com deficiência”, citados neste artigo do ECA? De acordo com o Decreto Nº 6.949 (BRASIL, 2009):

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em relação com as diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Sendo assim, tendo em vista que a pessoa com TEA também é tida como “pessoa com deficiência” para fins legais, foi incluída nas políticas públicas da Educação Especial, sendo considerada como estudante público-alvo desta modalidade. Assim, para fins legais, segundo a Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012, concede o direito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), para os estudantes com TEA (BRASIL, 2012). Vale destacar que eles já eram considerados pela Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (BRASIL, 2008).

Seguindo a vertente da Educação Especial x Educação inclusiva, cabe aqui ressaltar a ênfase dada nas políticas públicas ao ser dito que o aluno deve ser preferencialmente inserido na rede regular de ensino. Segundo Sasaki.

Educação inclusiva significa provisão de oportunidades equitativas a todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências severas, para que eles recebam serviços educacionais eficazes, com os necessários serviços suplementares de auxílios e apoios, em classes adequadas à idade em escolas da vizinhança, a fim de prepará-los para uma vida produtiva como membros plenos da sociedade. (1997, p 122).

Com a afirmação de Sasaki (1997), o conceito de inclusão vem implicitamente junto com o conceito de equidade, que se torna essencial quando se trata de uma educação inclusiva, o contrário da igualdade, que se almeja que todos sejam iguais, seguindo o mesmo padrão. O conceito de equidade tem como princípio que todas as pessoas possam se desenvolver, tendo a equiparação de oportunidades, sendo alcançadas de alguma forma. Ou seja, que sejam realizados mecanismos variados de acordo com as características individuais a fim de que se alcance um mesmo objetivo educacional, de forma que todos possam desenvolver-se. O que se almeja é que todos sejam valorizados a partir de suas características, e que, igualmente, tenham oportunidades de se desenvolver cada qual a seu modo, longe de comparações e resultados padrões. Schlünzen *et al.* (2020), defendem que cada estudante, independentemente de suas condições, tem habilidades e potencial que precisam ser evidenciados. Além disso, pesquisam formas de oportunizar equidade de acesso, formando para o afloramento do potencial de cada estudante,

segundo a abordagem Construcionista, Contextualizada e Siginificativa (CCS) e usando como estratégia o desenvolvimento de projetos.

No entanto, ainda estamos acostumados com um sistema escolar onde nos deparamos com uma grande inflexibilidade para com o que é considerado “diferente”, quando na verdade, essa ideia de categorizar coisas e pessoas está, infelizmente e cruelmente, enraizada em toda a nossa cultura. Nos esquecemos que no final das contas a diferença faz parte de todos nós, independente de ter ou não algum diagnóstico, e que justamente por isso o modelo de educação inclusiva é defendido atualmente: para que a escola seja um espaço para todos, e que todos possam se desenvolver dentro de suas potencialidades, com muito mais humanidade.

Mantoan (2003 p. 13-14) explica que:

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. Essa reviravolta exige, em nível institucional, a extinção das categorizações e das oposições excludentes — iguais X diferentes, normais X deficientes — e, em nível pessoal, que busquemos articulação, flexibilidade, interdependência entre as partes que se conflitavam nos nossos pensamentos, ações e sentimentos.

Em 1996 surgiu a Lei Nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta lei dispõe de um capítulo inteiro direcionado apenas para a educação especial, apontando sobre uma modalidade de educação escolar totalmente voltada apenas para os estudantes com transtornos globais do desenvolvimento, deficiência, ou altas habilidades. Essa modalidade de ensino atualmente vem sendo muito discutida, levando em consideração os novos posicionamentos das escolas inclusivas, como já foi mencionado anteriormente.

Com o movimento da reforma psiquiátrica, em 2001, surgiu a Lei Nº 10.216, que tem como objetivo central redirecionar o modelo assistencial em saúde mental, pelo qual impactou diretamente a qualidade das premissas assistenciais destinadas às pessoas com transtorno mental. De certa forma, pode-se dizer que o mundo já estava encarando mudanças consideradas necessárias, “de maneira a promover o resgate da dimensão de cidadania a essa população e a construir uma rede

comunitária para o cuidado em liberdade”. (OLIVEIRA *et al.*, 2017). Este movimento, com certeza, também refletiu na educação, e em toda essa dinâmica de proporcionar a liberdade de convívio e aprendizagem com todos os estudantes inseridos em uma mesma rede regular de ensino.

Apenas em 2009 foram decretados os Direitos das Pessoas com Deficiência, por meio do decreto Nº 6.949. A partir dele já se fala sobre uma educação inclusiva, onde asseguram a não exclusão do sistema educacional e promovem o desenvolvimento integral do estudante com deficiência, com direito a recursos, e medidas de apoio individualizadas com adaptações.

Outro passo muito importante foi dado em 2011 sobre a garantia do AEE, de acordo com o decreto Nº 7.611/11, o AEE é “compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente”. Assim, precisa ser seguido da seguinte maneira: “complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais” ou “suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação”. (BRASIL, 2011)

Finalmente, em 2012, criou-se uma lei específica para as pessoas com TEA. A lei Nº 12.764 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que foi regulamentada apenas em 2014, com o decreto Nº 8.368. Para além da importância desta legislação, ela garante o acesso a educação para todas as pessoas com TEA, sendo esse justamente o objetivo desta pesquisa. Visto que o acesso à educação é um direito para a pessoa com TEA, é preciso muito mais do que isso para garantir a qualidade do serviço ofertado pelo sistema educacional de ensino, que vai desde uma equipe de profissionais capacitados, até os recursos necessários para que haja de fato um bom aproveitamento de tudo o que será ofertado. É uma lei que está em vigor há nove anos, com pouco tempo em vigor, isso quer dizer que há necessidade ainda de melhorar e compreender de fato como executar o que está previsto na legislação, e que há um longo caminho a ser percorrido.

Em 2015 foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, lei Nº 13.146. Nela há orientação sobre o desenho universal, tecnologias assistivas, comunicação alternativa, adaptações, profissional de apoio escolar, acompanhante, tudo isso para que ela seja de fato cumprida. (BRASIL, 2015).

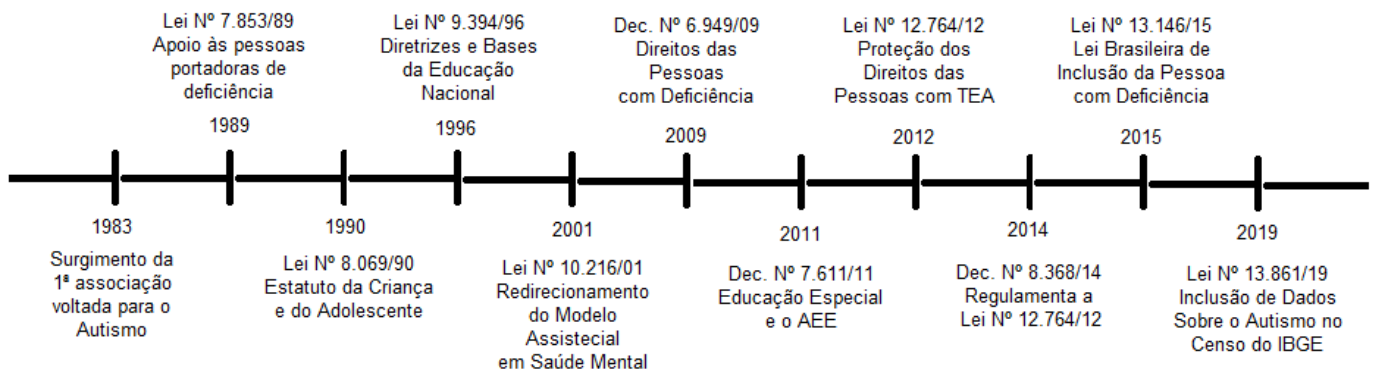
A partir destas legislações, a escola assume a obrigatoriedade de se tornar uma instituição inclusiva, mesmo que para isso tenha que ser reformulada em grandes aspectos. Neste sentido Mantoan (2003), traz uma importante reflexão:

a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais. (MANTOAN, 2003 p. 21).

Para finalizar, outro marco recente, e muito importante para as políticas públicas relacionadas às pessoas com TEA, foi a Lei Nº 13.861/19, que diz que “Os censos demográficos realizados a partir de 2019 incluirão as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista” (BRASIL, 2019). Este com certeza é um passo muito importante para a representatividade deste grupo de pessoas, que trará consideráveis benefícios em relação aos direitos deles, e refletirá em inúmeros contextos, principalmente no educacional.

Para uma melhor visualização, a seguir está a linha do tempo em que as políticas foram ocorrendo para chegar aos dias atuais e perceber a necessidade da evolução no processo educacional para a inclusão dos estudantes com TEA.

Figura - Avanço histórico em políticas públicas na educação inclusiva e o TEA:



Fonte: A autora.

Confirmando a necessidade desta evolução, Teodoro, Godinho e Hachimine (2016), defendem a ideia de que a educação inclusiva vem percorrendo um caminho longo para atingir de fato os seus ideais. Para isso, destacam a importância de estratégias para facilitar a inclusão, como por exemplo, o AEE, como já foi

supracitado. Além de estratégias como essa, as autoras não deixam de ressaltar a importância da realização de uma análise para que cada caso de cada criança seja avaliado, levando em conta a hipótese de considerar a Escola Especial como uma alternativa, sendo que “a Educação Especial também é de extrema importância, já que um atendimento especializado, antes da inclusão escolar, ajuda a criança a desenvolver suas habilidades.”.

Com esse avanço histórico sobre políticas públicas educacionais, existem muitas divergências em relação a posicionamentos sobre escola inclusiva versus escola especial. Espera-se que ao final desta pesquisa, os objetivos alcançados ajudem a esclarecer dúvidas diante a esses posicionamentos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados os resultados e discussão da pesquisa, inicialmente a partir da apresentação de dados inerentes ao contexto da pesquisa, forma de coleta e análise dos dados e categorias geradas a partir do que foi coletado e analisado.

A partir das entrevistas realizadas com os participantes e utilizando a técnica da Análise de Conteúdo foram identificadas categorias semânticas que demonstram a percepção que professores e coordenadores têm sobre as políticas públicas existentes no contexto escolar, tanto na Rede Regular de Ensino como na Educação Especial, e de que maneira são colocadas em prática.

Na sequência serão apresentadas cada categoria configurada a partir dos conteúdos das respostas obtidas na recolha dos dados.

Categoria 1 – Concepções de Educação Inclusiva e Educação Especial

Esta categoria abarca concepções relatadas pelos professores e coordenadores quanto à uma educação configurada para atender as peculiaridades dos estudantes fazendo-se inclusiva. Para tanto, foi solicitado que discorressem sobre como definem a Educação inclusiva e a Educação Especial. São apresentados trechos das verbalizações das participantes, representativas de suas concepções:

“Eu acho que a inclusão deve ser para todos, a partir do momento que a gente tem algum caso que é severo, que é bem clássico, nós podemos tá acabando acolhendo demais isso sendo que nós não estamos ainda 100% preparados, e nunca estaremos eu acho nesse 100%, mas e os outros que estão ali?” (P1ER) .

“...se realmente acontecer a inclusão como ela deve ser feita eu acho que é super válido o aluno ficar na rede regular, quando não há a preocupação da escola com aquele profissional que tá com aquele aluno de não ter essa inclusão eu acho uma judiação, porque é fictício essa ilusão de que ele tá incluído ali no meio... é, ele tá indo pra escola, e aí? E o resto, né?” (P2ER)

“... mas a inclusão da maneira como nós trabalhamos eu acho muito valido, sabe, eu como mãe, tenho dois filhos, eu também acho que optaria por isso, independente do grau dessa dificuldade que meu filho

possa ter, eu acho que eu também optaria por isso, talvez eu não desse tanta ênfase em conteúdos escolares, mas eu acho que eu também gostaria que o meu filho fosse inserido na sociedade de uma maneira mais amena, ele ser aceito, ele se acostumar com barulho de crianças, certo, sair, frequentar, saber que tem umas regras a ser seguidas, saber que tem uma autoridade, eu acho que mesmo que crianças especiais, crianças com necessidades especiais, eu acho sim que elas precisam de limites, sabe Camila, então é o que eu to te falando, eu não sei como é a parte pedagógica e a parte de socialização dentro de uma escola especial, mas acompanhando aqui dentro da escola, eu como mãe acho que optaria por isso também. Então a minha visão é bem positiva.” ... “minha visão é positiva mas eu não focaria muito... claro que nós como mães temos expectativas em relação ao futuro dos nossos filhos, mas eu acho que minha preocupação fundamental, claro que cada pai sabe de qual a necessidade de seu filho, autista ou não, mas criar grandes expectativas é mais difícil. Tem crianças que se alfabetizam, que nós conseguimos ensinar as 4 operações matemáticas, que acompanham o conteúdo sim, mas também tem criança com muita dificuldade, que gente chega num certo nível e não consegue entender, por exemplo, o mecanismo da multiplicação, mas adiciona e subtrai.” (P3ER)

“A inclusão pra mim não existe. Não existe pelo fato do seguinte: quer dizer, estamos caminhando, estamos vendo algum progresso, mas pra gente que tá aqui todos os dias a gente vê que tem muita coisa que não acontece, tá, então pensa o quanto é difícil a gente enquanto instituição receber uma criança da rede regular, tá, porque se você for comparar rede regular com instituição, a rede regular ela tem muito mais a oferecer do que a instituição, certo? Porque? Porque na instituição nós podemos trabalhar com essa criança até um certo limite, depois nós não podemos mais trabalhar com ela.” (P4EE)

“Eu penso assim, alguns alunos que tem a capacidade de ir pra uma escola regular, de ser alfabetizado, de ser incluído no meio de outras crianças, e há aqueles mais comprometidos que é o nosso caso aqui, né, os mais comprometidos eu acho que primeiro ele precisa de uma base aqui que é um trabalho mais individualizado, né, um trabalho mais voltado especificamente pra ele, mas eu acredito que algumas crianças tem condições de estar na rede.” (P6EE)

“nós temos casos de alunos que estão super bem, acompanham o grupo, conseguem imitar o outro e tal, nós temos graus de autismo mais elevado, mais grave, que a criança grita o tempo inteiro, nós tivemos um caso assim aqui, e que nós falamos pra mãe “olha, porque ficar obrigando a ficar na sala de aula tentando ensinar se ele não tá nem aqui, ele tá só gritando o tempo todo, ele não consegue nem sentar, que jeito você quer que ensine o menino a pegar no lápis? Não conseguindo nem sentar”, então eu, pela vivência que eu tenho, eu valorizo muito, acho que tem um preconceito muito grande em torno dessas escolas especializadas” (C1ER)

“o que que eu penso na parte da educação inclusiva... que é bom, mas tem muita coisa pra mudar ainda, né, mas se deixar o aluno que precisa de inclusão e deixa ele dentro da sala de aula só pra poder tá

incluso lá, né, inclusão eles falam “é socialização” mas em qualquer lugar que eles forem eles se socializam do jeito deles, né, a gente não pode ficar pensando só em socialização, onde ele vai a sociedade vai estar e ele vai estar na sociedade, né, então o que a gente tem mais, eu particularmente, penso que a inclusão ainda tem muito o que mudar, melhorou bastante? Melhorou! Mas tem que mudar mais” (C2EE)

Em 2015 foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, lei Nº 13.146. Nesta lei fala-se sobre o desenho universal, tecnologias assistivas, comunicação alternativa, adaptações razoáveis, profissional de apoio escolar, acompanhante, tudo isso para que ela seja de fato aplicada.

A partir disso, a escola assume a obrigatoriedade de se tornar uma instituição inclusiva, mesmo que tenha que ser reformulada em grandes aspectos. Nessa perspectiva da educação inclusiva, cabe destacar que o papel da educação especial é assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas turmas comuns do ensino regular através da orientação e suporte dos os sistemas de ensino para garantir o acesso ao ensino comum, a participação, aprendizagem, e continuidade nos níveis mais elevados de ensino, incluindo até a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior. A oferta do atendimento educacional especializado e a formação de professores para o atendimento educacional especializado e aos demais profissionais da educação também se mostra essencial para isso. (BRASIL, 2008).

Categoria 2 – Dificuldades de Professoras e Coordenadoras na inclusão de estudantes com TEA

A segunda categoria de análise elencada neste estudo irá mostrar os relatos das participantes referentes às dificuldades encontradas nas tarefas que as professoras exercem com estudantes com TEA.

“...então, o que está no quinto ano, nosso maior trabalho é... eu te falei que ele é um autista mais clássico, nós estávamos tentando trabalhar muito com ele a parte da comunicação no sentido de conseguir se expressar: eu quero ir no banheiro, eu não quero mais ficar dentro da sala de aula, não estou contente aqui, porque com esse era muito difícil essa troca, então você conseguir identificar o

sentimento dele, então é daquele que de repente ele levanta, pula, grita, pula e ninguém controla” (P1ER)

*“ trabalhar à distancia com o autista pra mim tá sendo um desafio muito grande. Olha, tem que montar três atividades por semana pra ele, então as aulas que eu tenho durante a semana na sala dele, eu mando a atividade pra ele, só que assim, eu não vejo né, eu não vejo ele fazendo, eu só tenho o feedback da mãe por mensagem, eu não sei se as vezes ele fica estressado, eu sempre pergunto, né, esses dias eu mandei uma atividade manual, que ele tinha que montar um cata-vento, que a gente tava trabalhando lá o texto, então esse tipo de atividade será que ele gosta? Vai deixar ele muito estressado? Porque eu também não quero deixar ele estressado, e ela disse, não ***** , então deu certo, pra mim a dificuldade maior é essa. É enviar atividade pra ele sem saber como tá sendo feito.” (P2ER)*

“se tiver planejamento não tem grandes dificuldades, porque a dificuldade que nós temos com as crianças com autismo é a mesma que nós temos com crianças que tem um pouco mais de agitação corporal, comportamental, entendeu? Então nós temos um planejamento, nós trazemos atividades adaptadas já com antecedência” (P3ER)

“acho que a dificuldade que mais tem aqui é mais em relação a família mesmo. Porque no meu caso, algumas não participam, quando tem reunião de pais não vem, lista de material não manda material, uma falou pra mim “ah, eu só mando ele porque tem que mandar”, ou manda pra deixar aqui, entendeu? Pra descansar em casa, sabe? Acho que essa é a maior dificuldade que eu tenho...” (P5EE)

Durante as entrevistas, as principais dificuldades dos professores se mostram em relação ao se comunicar com a criança. A comunicação é justamente uma das características mais afetadas dentro do espectro autista.

Em momento de pandemia isso se dificulta ainda mais por conta do ensino a distancia, visto que os professores não conseguem acompanhar o aluno de perto e auxiliá-los como deveria ser feito e a comunicação acaba se tornando ainda mais falha.

Outra dificuldade relatada, principalmente pela escola de educação especial, é a falta de acompanhamento da família. Muitos pais apenas deixam seus filhos lá e não acompanham o trabalho realizado e tão pouco continuam colocando em prática dentro de suas casas.

Categoria 3 - Adaptações escolares para a inclusão dos estudantes com TEA

As professoras e coordenadoras participantes da pesquisa, apresentaram em seus relatos, as necessidades mais recorrentes de adaptações no processo de escolarização dos estudantes com TEA, encontradas em suas práticas profissionais. Mencionam os ajustes em materiais, apostilas e no conteúdo de disciplinas curriculares como português e matemática e

“nós estamos fazendo o teste de ele estar acompanhando o material do próprio segundo ano com adaptações no seguinte: ah, o espaço da apostila é menor, então vamos reproduzir essa atividade numa folha pra ele ter o espaçamento pra ele maior, o tamanho do desenho maior, fazer as adaptações. (P1ER)

“todos os professores fazem a aula diferenciada e adaptada pra ele, a gente faz a gravação relacionando o conteúdo, e a gente aplica usando xxxxxx, atividade no caderno, e nós fazemos a gravação pra entrar em contato com ele pra ele também nos reconhecer, e toda nas minhas sextas feiras ele começou a entrar na minha aula, um pouquinho, é o momento que ele tá com o professor particular, ele vai até a casa dele, ele entra, e ele aparece dentro da sala, todo mundo recebe ele, e é aquela festa, né, mas tem características muito específicas do autista, e tem mesmo, tem que adaptar porque ele vai continuar em todas as turmas, ele vai seguir a faixa etária dele perante as turmas, só no cognitivo a gente tem que adaptar, porque com esse meu aluno eu trabalho com ele conteúdo de primeiro ano e ele tá no quinto.” (P2ER)

“a gente faz adaptação no material, a gente faz de acordo com as necessidades de cada aluno” “o material todo adaptado, tem a apostila, tem atividades com enunciados mais simples, por exemplo em matemática, uma conta que já está armada ele entende e ele faz, mas quando tem um probleminha matemático e o enunciado é mais longo nós adaptamos essa atividade, colocamos palavras mais simples, encurtamos com mais objetividade e inserimos figuras por exemplo se o problema não tiver figuras, mas o contexto é o mesmo, cada atividade e cada professor dentro da sua disciplina com materiais adaptados caso necessário” (P3ER)

“a gente trabalha com atividades na parte da grade curricular específica, português, matemática, mas a gente vai adaptando, são atividades adaptadas.” (P4EE)

“normalmente quando está dentro da sala de aula e o aluno tem condição cognitiva ele acompanha a turma, logico que com adaptações, né, adaptações de material, de ajuda, né, adaptação pra execução e adaptação de material. Quando é um aluno mais comprometido que não acompanha a turma ele pode até ser tirado da sala de aula pra fazer a atividade.” (C1ER)

Os profissionais da Rede Regular de Ensino afirmam a existência da adaptação de materiais e conteúdos programados para os alunos com TEA. As adaptações variam de acordo com a necessidade de cada aluno. Os profissionais encarregados pelas adaptações podem fazer alterações tanto de conteúdo (como por exemplo, os alunos que não acompanham o que é programado para o seu ano letivo), quanto de estrutura, alterando o formato em que as atividades aparecem. Já na escola especial pouco se ouve falar sobre adaptação de materiais, já que as atividades são planejadas já levando em consideração a singularidade de cada criança, não existindo um padrão de atividade.

Categoria 4 – Integração família e escola na inclusão dos estudantes com TEA

Um aspecto destacado pelas professoras e coordenadoras participantes da pesquisa foi a importância das relações estabelecidas com a família no processo de escolarização dos estudantes com TEA.

“... e também tem os acompanhamentos com os profissionais, então a família e os profissionais trabalham juntos com a escola” (P1ER)

“... com a família, por exemplo, com a mãe pelo menos, né, a gente tem contato direto pelo whatsapp, a gente vai se falando, e ela dá o feedback dessas atividades que eu aplico, ela manda “professora, hoje ele fez sozinho” ou “ele apresentou dificuldade”” (P2ER)

“As vezes a família participa, as vezes não, mas a família é informada de todos os passos com relação a material, ao manejo, como nós trabalhamos, toda a orientação da psicóloga chega pra gente, a gente segue as orientações.” (P3ER)

“O trabalho que a gente desenvolve aqui tem que ser 100% junto com a família, então eu falo que o nosso carro chefe é a família, então quando a criança é ingressada aqui a gente conversa, discute com família, porque a gente trabalha muito essa questão de rotina, né, a gente entra muito particularmente na casa dos alunos, né, então a gente precisa saber se a família aceita ou não, se a família pretende contribuir com o nosso trabalho e de que forma, então são eles que vão dá esse respaldo pra gente, e a partir desse levantamento que a gente faz com ele aí a gente vai direcionar pra um trabalho específico.” (P4EE) “A gente tá agora através das aulas remotas, a gente usa muito o whatsapp pra conversar, né, buscar atividades que a gente prepara. Três famílias desistiram da atividade, elas não fazem, aí elas assinaram um termo de desistência das atividades, aí elas não fazem. Eu não preparo e aí elas não fazem. Elas ficam cientes disso. Agora os outros três já são mais participativos, a família já interage bem

comigo, tudo o que eu proponho elas fazem, vem buscar atividades, manda fotos...” (P5EE)

“As vezes eu tenho dificuldade assim, de chegar o final do ano e a mãe não saber o nome do professor, não vou dizer todos os casos, né, alguns pais são uma graça, as mães participam bastante, vinham em todas as reuniões... Mas a gente vê que o caso mais difícil é aquela mãe que menos participa.” (P6EE)

*“Olha, Camila, aqui o ***** é uma escola pequena e muito família, né, nós temos essa característica de ser uma escola muito próxima da família, então nossa conversa com a família é quase que diária, por exemplo, nós temos um whatsapp, né, que é o contato direto, por exemplo, a mãe que manda mensagem direto “ah aconteceu tal coisa”, então acontece direto, por exemplo, a gente tem um aluno com TEA no quinto ano, temos vários mas esse é só um exemplo.” (C1ER).*

“A gente tem reunião de pais bimestral, ou quando precisasse de uma orientação extraordinária a gente solicita a família que compareça na escola para conversar. Então não tem assim específico só na reunião de pais, vai depender do assunto, da importância, enfim.” (C2EE)

As professoras e coordenadoras reconhecem a importância do trabalho realizado juntamente com a família da criança e promovem este contato regularmente, seja por meio de whatsapp ou presencialmente.

Categoria 5 - Acompanhante especializado para os estudantes com TEA na rede regular de ensino

Outro aspecto abordado pelas participantes do estudo referiu-se ao acompanhamento especializado para estudantes com TEA no ensino regular.

“Todos eles, nós temos, eles possuem uma pessoa que ficam com eles na sala de aula, então exclusivo pra eles, e também tem os acompanhamentos com os profissionais, então a família e os profissionais trabalham juntos com a escola” (P1ER)

“... acho que até quando tá em presencial é pela família, a do infantil é uma da escola, ficam duas, uma da escola e uma da família que paga... todos têm.” (P2ER)

“...essa auxiliar de sala sempre do lado, a gente procura, assim, quanto mais independência essa criança tiver, é melhor, então essa auxiliar, ela não fica o tempo todo do lado, ela anda pela sala, se for necessário ela vai até lá, é claro, todas as crianças precisam de um toque, “ agora vamos prestar atenção”, nesse sentido” (P3ER)

“...a tarde eu já tenho uma auxiliar, que eles já são mais... como eu posso usar a palavra... precisam de mais apoio, são mais agressivos, necessitam de auxílio pra ir no banheiro, pra comer, usam fralda, entendeu?” (P5EE)

“esses alunos muitas vezes tem a AT, né, que é o que você foi, Acompanhante Terapêutica, e mesmo a escola tendo que oferecer o profissional de apoio escolar, PAE, Profissional de Apoio Escolar, a família pode, a escola consente que a família tenha uma AT também, pela questão do manejo comportamental, porque muitas vezes o profissional de apoio escolar não vai ter o manejo adequado porque a formação é outra né” (C1ER)

Todas as escolas devem oferecer, por lei, um profissional de apoio escolar para as crianças com TEA. Embora as escolas ofereçam, nem sempre é alguém com o domínio e manejo comportamental adequado. Por esse motivo algumas famílias optam pela contratação particular de algum outro profissional especializado em determinada área, como a psicologia, por exemplo. Nos casos da escola especial, existem professores auxiliares para dar apoio necessário ao professor e ao aluno quando necessário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa surgiu a partir da inquietação de, muitas vezes, não compreender o que acontecia na maneira que ocorria, ou até mesmo de não concordar com determinadas cenas vivenciadas no dia a dia dentro de uma escola.

Depois que se mergulha no tema de inclusão, e que se decide estudar os conceitos, leis, políticas públicas, e perspectivas diferentes, um leque de possibilidades se abre.

Após o levantamento da fundamentação teórica, evidenciou-se a escassez de estudos voltados para essa área que abrangem o TEA, políticas públicas, e a percepção de escolas regulares e especiais em uma mesma pesquisa. A pesquisa aplicada em duas escolas sejam elas de seguimentos diferenciados (Regular e Especial) permitiu um olhar sensível para diversos pontos de vista e enriqueceu toda a análise feita posteriormente. Surpreendentemente não existem estudos nessa área da forma como esta foi realizada e esse é um dos motivos pelo qual ela se torna tão essencial.

A partir do roteiro de entrevista semiestruturado foi possível colher informações da prática vivenciada por professoras que já tiveram / tem contato com crianças dentro do espectro autista em ambiente escolar. Com o discurso de cada uma foi possível observar pontos de vista singulares e diferenciados, porém com alguns conteúdos em comum. Um ponto importante a ser levantado, é que essa foi uma pesquisa realizada em meio a uma pandemia, que exigia um distanciamento social para evitar a transmissão do vírus da covid 19, tendo o ensino remoto. Logo, o que foi coletado obviamente sofreu consequências desse período, como por exemplo, temáticas que envolvem o ensino a distancia, aulas remotas e online, o que normalmente não seria retratado caso não estivéssemos vivendo em pandemia. Diante o material coletado foi feita a análise de conteúdo.

Políticas públicas educacionais que envolvem temáticas sobre acompanhamento da família, adaptações de matérias e conteúdos, trabalho multiprofissional, prática e formação de professores, acompanhante especializado/AT, se mostraram essenciais nesta pesquisa para que a inclusão do estudante com TEA seja de fato eficaz. Mesmo com as dificuldades existentes as políticas públicas ajudam na criação de estratégias para superar cada uma delas.

A família da criança matriculada em determinada escola é tida como essencial, seja em rede regular ou em escola especial. É fundamental que o trabalho realizado nas escolas seja continuado em contexto familiar, e vice e versa. Esse é um fator determinante para o bom desenvolvimento da criança, e todos precisam estar alinhados (família, escola, equipe multidisciplinar). Infelizmente esse é um critério que muitas vezes não é atendido da maneira como se espera. De acordo com o resultado da pesquisa, podemos considerar a falta de participação de muitos pais, ou mesmo aqueles que participam porém são frustrados por não atingirem o que, para eles, seria o esperado. É necessário um grande trabalho de orientação e intervenção para que essas famílias sejam conscientizadas da importância de uma participação adequada na vida escolar dos filhos.

Em todos os discursos, temos falas sobre as adaptações de materiais e conteúdos escolares. Ao contrário do que muitos pensam, isso de fato é um processo inclusivo. Assim, a criança consegue se desenvolver com todo o potencial, sendo incluída de maneira adequada e com aprendizagem. A escola deve ser para todos, logo, deve ser flexível para que haja desenvolvimento para todos. A comparação não abre espaço para humanidade. Desde que cada plano de ensino individualizado seja colocado em prática com eficácia, haverá desenvolvimento. Segundo o discurso da amostra coletada, as escolas estão preparadas para essas adequações.

Através de alguns relatos também vemos a importância de professores e coordenadores estarem bem preparados para assumir um papel tão importante na vida do aluno. Assim, como qualquer outra, a criança com TEA tem suas especificidades e características próprias. Todos os alunos da sala de aula precisam ser conhecidos individualmente para que os professores consigam trabalhar com eles de maneira melhor, com ou sem diagnóstico. Porém, é muito importante que mesmo assim se tenha conhecimento sobre o que faz parte do TEA, e como é a maneira mais adequada de intervir. Apesar das políticas públicas incentivarem a formação e capacitação de profissionais, a rede regular de ensino não tem como critério obrigatório a especialização dos professores em áreas específicas e quando se deparam com um aluno com TEA, não sabem como intervir e ficam inseguros. Já na educação especial, existe essa exigência. Muito se questiona sobre a preparação dos profissionais que irão trabalhar com os alunos com TEA. Todos os professores afirmam no decorrer das entrevistas em anexo que durante a graduação não tiveram

informações e conteúdo satisfatório em relação ao autismo ou mesmo em relação a diversidade e inclusão. Há relatos de que até mesmo durante a pós o conteúdo pode não ser o suficiente. Sendo assim a maioria acaba conhecendo de fato o TEA em suas práticas e vivencias profissionais.

As políticas públicas com certeza norteiam a prática dos professores e o funcionamento da estrutura do local onde a criança com TEA está inserida. Porém, foi averiguado a incerteza quanto a eficácia dessas políticas quando colocadas em prática. Isso se mostrou presente principalmente vindo fruto da formação que esses profissionais recebem desde sua trajetória até chegar na execução de suas funções e conseqüentemente sobre uma educação DE FATO inclusiva. As políticas educacionais existem e são colocadas em prática, porem, de formas ainda insuficientes.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, M. I. C. *et al.* **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.571, setembro de 2008**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, 2009. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.611 de 17 de Novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 8.368, de 02 de dezembro de 2014** Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com

Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 13.861, de 18 de julho de 2019**. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

CASTANHA, J. G. Z. **A trajetória do autismo na educação**: da criação das associações à regulamentação da política de proteção (1983-2014). 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARFINATI, A. C.; ABRAO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos Clínicos**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago., 2014.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: guia prático. 8.ed. São Paulo: AMA - Associação de Amigos do Autista, 2016. 110 p.

MERGL, M.; AZONI, C. A. S. Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 2072-2080, dez., 2015.

OLIVEIRA, B. D. C.; FELDMAN, C.; COUTO, M. C. V.; LIMA, R. C. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação¹. **Physis** [online], v. 27, n.3. 2017.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Causas. Brasília: OMS, 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 01 set. 2021.

PESCUMA, D; CASTILHO, A. P. F. **Projeto de pesquisa**: o que ? como fazer? um guia para sua elaborao. São Paulo: Olho d'gua, 2008.

SASSAKI, R. K.; **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Editora(s) WVA, 1997.

SCHLÜNZEN, E. T. M.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K.; SANTOS, D. A. N.; REZENDE, A. M. S. S.; LIMA, A. V. I. **Abordagem construcionista, contextualizada e significativa**: formação, extensão e pesquisa no processo de inclusão. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

STALZER, F. G. **Uma pequena história do autismo**. São Leopoldo: Pandorga Formação, 2010. Disponível em:
<http://pandorgaautismo.org/includes/downloads/publicacoes/Pandorga-Caderno1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

TEODORO, G. C.; GODINHO, M. C. S.; HACHIMINE, A. H. F. A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista no ensino fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, ago. 2016.

TUCHUMAN, R., RAPIN, I. **Autismo abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA – (COORDENADORES)

1. Falar sobre o funcionamento geral da instituição.
2. De que maneira você conhece o TEA?
3. Como funciona o encaminhamento de alunos com TEA? (Matrículas)
4. Há trabalhos realizados com os familiares/responsáveis?
5. Quais são os pontos que se destacam ao atender a população com TEA?
(Potencialidades, dificuldades, formas específicas de abordar)
6. Qual é a sua ideia sobre educação especial?
7. E educação inclusiva?
8. Como são organizados e desenvolvidas as atividades com o estudantes com TEA:
 - AEE
 - Classe comum

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA – (PROFESSORES – ENSINO REGULAR)

1. Possui quantos anos de formação como professora?
2. Possui alguma especialização?
3. De que maneira você conhece o TEA?
4. Qual é a faixa etária entre os alunos com TEA?
5. Há trabalhos realizados com os familiares/responsáveis?
6. Quais são os pontos que se destacam ao atender a população com TEA?
(Potencialidades, dificuldades, formas específicas de abordar)
7. Em uma rede regular de ensino, qual é o papel do professor para promover a inclusão de um aluno com TEA?
8. Os alunos com TEA precisam de adaptação do conteúdo?
9. Como é o seu trabalho com os seus discentes?
10. Você faz alguma adaptação para o estudante com TEA?
11. Como é a sua relação com a família dos alunos com TEA?
12. Existem acompanhantes terapêuticos / tutores para os alunos com TEA? Se sim, como é o trabalho em conjunto?
13. Qual é a sua ideia sobre educação especial?
14. E educação inclusiva?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA – (PROFESSORES – EDUCAÇÃO ESPECIAL)

1. Possui quantos anos de formação como professora?
2. Possui alguma especialização?
3. De que maneira você conhece o TEA?
4. Qual é a faixa etária entre os alunos com TEA?
5. Há trabalhos realizados com os familiares/responsáveis?
6. Quais são os pontos que se destacam ao atender a população com TEA?
(Potencialidades, dificuldades, formas específicas de abordar)
7. Como é a rotina de um professor nesta instituição?
8. Quais tipos de intervenções são oferecidos pelo professor?
9. Existe um plano de ensino, ou conteúdos programados?
10. Como é a sua relação com a família dos alunos com TEA?
11. Os alunos com TEA matriculados nesta instituição estão inseridos também na rede regular de ensino?
12. A sua instituição faz acompanhamento deste estudante? Como?
13. Qual é a sua ideia sobre educação especial?
14. E educação inclusiva?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

PROFESSORA 1 (ENSINO REGULAR) – P1ER

Duração: 32 minutos e 06 segundos.

Eu queria começar perguntando quantos anos você tem na atuação como professora, há quanto tempo você da aula?

R: Onze anos.

E sempre na rede regular de ensino?

R: sim, sempre no *****.

E você tem alguma especialização? Fez algum tipo de curso pra se especializar em alguma área?

R: Psicopedagogia.

Você começou a ter contato com o TEA de que jeito? Como você conheceu o TEA? Foi na prática mesmo?

R: Completamente na prática. Já tivemos alguns alunos, então é uma escola que sempre tem algum autismo, assim, pelo que eu me lembre eu acho que nós sempre tivemos. Vai passando o ano mas sempre tem algum. Agora eu to com um aluno, mas já tivemos outros. Não, minto, nós estamos com dois autistas, é que um tá participando presencialmente, o outro a família optou por fazer online. Então estou com dois alunos.

Na mesma turma?

R: Não, um tá no segundo ano e o outro está no quinto ano.

Você dá aula para que turmas? Do primeiro ao quarto?

R: Do segundo ao quinto ano. De historia, geografia e ciências pro segundo ao quinto, e no quarto ano também língua portuguesa.

Certo... então foi na prática mesmo que você conheceu o autismo? E como foi?

R: Ah, é sempre uma experiência nova, né? A gente não tem aquele manualzinho de como lidar, de como vai ser o aprendizado, porque assim como qualquer outra criança, é único. Então, vamos dizer, todas as crianças a gente tem que tá aprendendo o melhor jeito de tá passando, transferindo, os conhecimentos, explorando aquela curiosidade deles, e com os autistas não é diferente. Eu acredito que eu já devo ter pego alguns autistas, e nunca um é igual ao outro na maneira de

ensinar, na maneira de se comunicar, né, de ter essa troca, então tem que ter mesmo um pouquinho do dia a dia pra você estar aprendendo a melhor maneira de aprender com eles, eu acho então que é no dia a dia mesmo e conhecendo.

E a faixa etária deles é de 7 a 10 anos mais ou menos?

R: Isso, isso.

Existem trabalhos que vocês professores realizam com a família dessas crianças?

R: Todos eles, nós temos, eles possuem uma pessoa que ficam com eles na sala de aula, então exclusivo pra eles, e também tem os acompanhamentos com os profissionais, então a família e os profissionais trabalham juntos com a escola, então vamos supor, o aluno que eu te falei que tá no quinto ano, ele já é um autismo mais clássico, que é o que não está indo agora com a pandemia, o dele nós fazemos atividades direcionadas pra ele e todas as atividades são preparadas pra ele. Antes da pandemia ele frequentava a escola normal com a sala de aula normal, porém ele recebia as atividades diferenciadas porque ele não dava conta de acompanhar o conteúdo da turma. E esse trabalho então sempre foi feito com o auxílio dos profissionais do aluno.

São contratados pela família ou a escola disponibiliza esses profissionais?

R: A escola proporciona sim, mas já teve período que a mãe queria que fosse psicólogo que acompanhasse ou um pedagogo, aí foi opção da mãe de querer também um psicólogo com ele, mas a escola proporciona acompanhamento da área da pedagogia dentro da sala junto com o aluno. Então este que está agora fazendo online diariamente nós nos gravamos nós nos filmamos ensinando pra ele a atividade lembrando quem nós somos, então todos os dias ele recebe um vídeo nosso individual de cada matéria dando bom dia, né, interagindo com ele e explicando a atividade. Ele recebe a atividade pra executar tanto atividade impressa como também atividades pra ele poder fazer no computador pra ele ter esse contato no computador, temos dois tipos de atividades, e a família vai nos retornando conforme vai fazendo as atividades então nós temos esse feedback com a família e sempre quando é preciso os profissionais entram em contato com a escola, né, pra gente tá fazendo as adaptações. O outro aluninho que está no segundo ano, a família já optou por ele estar indo presencial, então ele tem também uma pessoa contratada da escola que fica com ele todo o período e é o mesmo acompanhamento a família também tem com os profissionais dele, ele como ele

está no segundo ano, por enquanto nós estamos fazendo o teste de ele estar acompanhando o material do próprio segundo ano com adaptações no seguinte: ah, o espaço da apostila é menor, então vamos reproduzir essa atividade numa folha pra ele ter o espaçamento pra ele maior, o tamanho do desenho maior, fazer as adaptações... então nós estamos nesse período de teste pra ver se ele conseguiria por enquanto acompanhar o conteúdo do segundo ano porque até o na passado ele acompanhou, não sei se ele vai começar a ter defasagem com o conteúdo, né, então neste primeiro bimestre ele fez todo o material todo o conteúdo do segundo ano mesmo com as adaptações pra ele. Este aluno, no começo a escola optou, optou não né, pelo rodizio uma semana presencial pra todos e uma semana online pra todos. Na semana que era online dele, mesmo sendo online, pra ele não perder o vinculo com a escola, ele estava indo pro ***** ficando numa sala de aula sozinho com a profissional que o acompanha, porem, começamos a perceber uma certa irritação da parte dele, sabe? Por ficar muito tempo na frente de um computador, não por estar sozinho, não por estar fazendo, mas por estar ali na maquina, ali no computador, ele não tava dando conta. Aí nós chegamos também a fazer um teste de uma vez por dia em uma matéria pra não coincidir de ser em todas, reduzir, então ele faria uma atividade que pra ele seria rápida, uns dez minutos, para que no termino dessa aula ele pudesse ir pra fora, correr, pular, enfim, ter o tempo dele livre, que eles precisam, né, mas rapidamente a escola pra essa turma já pôde oferecer o presencial pra quem optasse pelo presencial e o online pra quem não, como a família optou pelo presencial ele está indo todos os dias frequentando a escola normal com os outros alunos e nós estamos fazendo esse teste, né, pra ver como ele tá em relação ao conteúdo certo da idade dele.

E aí ele fica o período inteiro mesmo? É o período da tarde ou da manha?

R: É de manhã, então ele fica das oito até o meio dia. Aí ele tá conseguindo, ele fica normal, fica dentro da sala, não precisa sair, ele já ta conseguindo em relação ao período ficar tranquilo, vendo que os outros estão ficando ele também fica tranquilo.

Como que você destaca esse atendimento do professor com o aluno autista, a potencialidade desses aluno e as maiores dificuldades que você encontram?

R: Ai Camila, que difícil... então, o que está no quinto ano, nosso maior trabalho é... eu te falei que ele é um autista mais clássico, nós estávamos tentando trabalhar muito com ele a parte da comunicação no sentido de conseguir se

expressar: eu quero ir no banheiro, eu não quero mais ficar dentro da sala de aula, não estou contente aqui, porque com esse era muito difícil essa troca, então você conseguir identificar o sentimento dele, então é daquele que de repente ele levanta, pula, grita, pula e ninguém controla, então com este do quinto ano eu acho que realmente e o nosso trabalho até ele parar, e vir essa pandemia é ele aprender a comer com um garfo, porque nem isso ele conseguia, até então era tudo com a mão, então dele a maior dificuldade foi a gente conseguir coloca-lo numa convivência e numa sociedade mesmo, então é ele conseguir dizer: a minha garrafinha tá sem água preciso de água, não porque ele até então mesmo estando na escola desde pequenininho ele não tinha essa troca, então eu acho que com esse, essa foi a nossa maior dificuldade. Das potencialidades dele, ele já adorava gibi, então no começo ele pegava os gibis só folheava, ficava assim, conseguimos fazer com que ele leia o gibi e te conta a história que ele leu, então isso foi uma conquista assim ó, enorme, então tudo começou com o gibi só da Monica, só do Cebolinha, mas ao ponto dele conseguir ler, no começo ele apenas lia, não identificava, não interpretava, e até então que a gente tava tendo contato com ele diário, ele conseguir te contar e expressar o que ele mais gostou da história, né, não vai contar em detalhes a história mas ele conseguia reproduzir o que a Monica fez, ou o que aconteceu, então porque, este é o do segundo ano, depois a gente fala do segundo, em relação ao conteúdo que é aquilo que eu te falava: até hoje ele não acompanha o conteúdo em si, mas esses progressos de te ver e conseguir te reconhecer e ele falar OI TIA *****, TUDO BEM?, então isso já foi um avanço enorme. Que mais de habilidades, Camila... Brincar com os amigos, isso ainda não se desenvolveu, fica vamos supor numa roda, consegue ficar numa roda, mas não tem a troca, né. Agora do aluno do segundo ano, ele pra mim ainda é muito recente, eu peguei ele esse ano, ele tá na escola desde pequeno mais eu não tive contato com ele anteriormente. Ele já tem uma maior compreensão, ele também precisa, não sei o termo técnico que vocês usam, mas ele também precisa, ele tem um dadinho que ele tem na mão, que eu acho que é o apoio dele, a maneira dele de tá demonstrando, mas ele fica sim com o material dele na mão, mas ele já tem uma troca bem maior, então ele já abre uma apostila, nossa apostila normal, né, uma apostila grossa, e ele identifica se você falar hoje a aula é de história, abram história página 13, ele já sabe olhar as cores na lateral da apostila, então é um barato, ele abre na página 13, mas vamos imaginar que antes de história vem língua

portuguesa, matemática, ciências, aí ele fica colocando a mãozinha já na pagina 13, isso é todos os dias, todas as aulas, ele fecha a apostila e ele vai folha por folha, as vezes é 100 folhas antes, mas ele primeiro acha, aí ele fica segurando ali, mas enquanto ele não tiver esse processo dele de ele passar folha por folha até ele chegar onde marcou... isso nós não conseguimos tirar dele, mas ele tá ali contente, e hora que ele abre, chegou onde tava a mão dele, ele abre um sorriso enorme, pagina 13, então ele você já consegue conversar mais, ele percebe que quando você vai corrigir uma tarefa e ele não fez, ele entra em desespero porque ele não fez, mas em desespero mesmo, então as vezes a gente já sabendo a gente tenta olhar antes se fez a tarefa, se não fez, pra poder preparar a forma que a gente vai abordando pra evitar esse desespero pra ele, e por mais que a gente fala ah esqueceu, acontece, eu também já esqueci, ele ainda não consegue controlar esse lado do sentimento dele, sabe? Hoje foi uma gracinha na troca de professores, eu tava nessa sala e eu combinei com eles assim: agora a tia ***** vai sair e vai entrar a tia *****, vamos fazer uma brincadeira e fingir que tá todo mundo dormindo? Deu a louca na sala, todo mundo dormiu, e só vão acordar com uma palavrinha magica, e eu perguntei pra eles né, qual vai ser a palavrinha, dai eles falaram a palavra e eu falei ó eu vou sair, vou apagar a luz, ninguém se mexe, vamos deixar a tia ***** doida sem entender nada, menina, depois eu fui perguntar pra ela, logico que ele não ficou o tempo todo fingindo que tava dormindo, mas ela falou que a hora que ela chegou lá tava ele com a cabeça abaixada na carteira e ai quando ela chegou e falou bom dia ninguém se mexeu, ai ele pegou e levantou mas que ele já teve a percepção de ver que os outros continuavam ai depois ele foi lá e deitou de novo, então ele tem esses... igual eu falei outro dia... pessoal tem tarefa e tal ai eu falei assim ó, vai dar a hora do lanche, ninguém vai sair da sala sem anotar na agenda, então se organizam, anotem, pra hora que der o horário do lanche vocês saírem. Deu o horário do lanche todo mundo saiu, ele veio até a mim “é lanche” eu falei pode ir pro lanche, “minha agenda”, dai que eu comentei que ninguém ia sair, “minha agenda”, aí eu falei pega sua agenda, ai ele foi ate a mesa dele, mexeu, mexeu, mexeu, mexeu, e eu fiquei olhando, aí ele pegou e me entregou dai eu abri e falei olha sua agenda já tá anotada, tia ***** marcou pra você a tarefa, tá marcada aqui, aí ele falou “vou pro lanche?”, então você vê a percepção, vai, vai pro lanche, aí ele foi. Então ele tem, pode não tá ali fixo, mas ele sabe o que tá acontecendo e ele tá

acompanhando, os combinados, né, eles são bem obedientes, né, em relação a rotina, você não pode fugir da rotina .

Passar aqui pra próxima pergunta, em uma rede regular de ensino qual é o papel do professor pra promover a inclusão de um aluno? Então basicamente, você como professora, qual você acha que é a sua missão como agente inclusiva? O que você pode fazer pra que essa inclusão de fato aconteça?

R: Camila eu acredito muito que primeiro que a inclusão deve ser pra todos. Então vamos supor, hoje que eu to te falando que estou com dois alunos autistas completamente diferentes, falando um pouquinho do mais velho: a inclusão acredito que não possa ser só pra ele, ele tá gritando, gritando, gritando, e nós temos aí uma sala inteira que “tia, eu to com dor de cabeça”. As crianças respeitam muito, é uma coisa linda de ver o respeito, mas eu acho assim quem tem que ter esse equilíbrio da inclusão ser pra todos. Em relação ao papel do professor, eu acho que seja o autista, seja uma criança que não tenha problema nenhum, ou uma criança com qualquer outro tipo de deficiência, o nosso papel como pedagogo é segurar na mão e sempre enxergar passos pra frente. Se esses passos vão ser lentos ou se esse passo vai ser mais comprido, a nossa função é fazer a diferença na vida de um aluno, deixar marcas na vida de um aluno, e eu acho, acredito muito que as vezes o deixar marcas e fazer a diferença não é fazer ele sair aprendendo multiplicação, a divisão, as regiões do Brasil, não, é ele sair dali sabendo ser gente, ser humano, ser honesto, olhar o outro com olhar do outro, isso pra mim é o que mais pesa numa educação, porque conteúdo o que ele não aprender agora, ish, com a vida ele aprende, na hora que precisar vem e aprende, nem se for pra ter daqui a pouco ter aula, aquilo que ele for precisar ele vai aprender, mas a socialização, aprender a viver em uma comunidade, isso que eu acho que eu gostaria de fazer a diferença na vida deles, sabe, de ele ter o prazer de chegar lá, ele querer estar ali, e saber que ali é um local que ele é acolhido, que ele é ele, e fazer esse tipo, que os professores precisam ter o olhar de cada aluno que tá ali, nossa profissão é muito amor, tem que ter muito amor, se não você tá na profissão errada. Não sei se seria essa a resposta pra você, mas pra mim o professor tem que ter o olhar de nos estamos lidando com um serzinho que tem um coração igual nós, então ele também sofre, ele chora, tem dor de barriga, mas ele não consegue sair gritando que tá com tudo isso, então nós temos que aprender. E tem ele que é autismo e não fala, né, que tem essa dificuldade nessa troca, também tem o Joãozinho que não tem nada, mas ele é

introvertido, então nós temos que ter este olhar por atrás do olhar da criança, o que será que tá acontecendo com ele e o que eu posso estar ajudando nele, né, então eu acho que seria isso. O colégio ***** é uma escola, igual eu te falei que já tô lá a mais de 10 anos, ela é uma escola muito acolhedora mesmo, então é diferenciada, sempre nós tivemos alunos, por isso eu te disse, eu não me lembro, comecei pela educação infantil, comecei dando aula lá no maternal, não me lembro de ter tido algum período desses 11 anos que eu não tive alguma criança com alguma deficiência, sabe, então eu não vou saber te falar de lei mas eu quero poder entender pra poder segurar na sua mãozinha e dizer vamo embora Camila, vai fazer a diferença aí nos teus estudos que o Brasil tá precisando é disso, sabe.

Perfeito, é de professores assim que precisamos. Aí eu queria também perguntar de adaptação de materiais, você já falou desses seus dois alunos, que um precisa e o outro nem tanto, então acho que essa parte já está esclarecida. Sobre a relação com a família você também já falou, que a família acompanha, ainda mais estando em ensino a distancia, né, e agora pra encerrar eu queria perguntar sobre o que você acha sobre educação especial e educação inclusiva na rede regular de ensino. Existem algumas divergências sobre assunto mas eu gostaria de saber a sua opinião.

R: Camila, é aquilo que eu já te falei, eu acho que a inclusão deve ser para todos, a partir do momento que a gente tem algum caso que é severo, que é bem clássico, nós podemos tá acabando acolhendo demais isso sendo que nós não estamos ainda 100% preparados, e nunca estaremos eu acho nesse 100%, mas e os outros que estão ali? Então eu acho que nós tivemos sim um período em que “não, quando ele começar a gritar, quando ele não está conseguindo se manifestar, você não pode tirar da sala de aula, ele precisa continuar dentro da sala de aula pra ele entender que, se ele gritar, não é ele gritar que ele vai sair da sala de aula, só que menina, chegava um momento que sem brincadeira, com todo o nosso amor, mas era... você tá ali falando, você tem que continuar dando a sua aula, porque é a orientação que um dia nós recebemos, continua a sua aula normal que ele vai entender que não é pra ele gritar, mas aí você se vê numa situação, uma sala cheia de alunos, um gritando e pulando, você continuando a falar, e crianças que começa a olha e começa a fazer... mas nem a sua voz aparece, porque tá tendo gritaria, então eu acho que precisa saber ter a dosagem, sabe, vamos incluir? Sim, devemos incluir, mas acho que devemos saber até... ai não sei o que falar, se essa é a

resposta, se você está conseguindo e entender, mas eu acho que tem que ser essa inclusão para o aluno que é de inclusão e para os outros que estão ali. Hoje nós penamos, sofremos, mas hoje vendo que ele já consegue, por isso que eu falo que é difícil, vendo ele já falar pra você que ele quer ir no banheiro, você vê: nossa, foi sofrido mas valeu a pena, sabe, ele pede pra ir tomar uma água, então eu acho que é tão difícil essa resposta, mas eu acho que pra poder entrar todos numa escola tem que ter um melhor preparo, tem que ter sim uma preparação para os professores, eu não sei como a faculdade se isso tá fazendo hoje em dia se não está, mas é preciso, é preciso ter um aparato, é preciso que os profissionais vão estudar, vão também estarem preparados, porque cair de paraquedas ali um professor e receber de repente vários alunos, e numa sala nunca tem apenas um autista, né, você vai ter um autista, você tem aquele tem o déficit de atenção, você tem aquele que é disléxico, então eu acho que nós precisamos pensar: eu estou preparado, dou conta, eu consigo? Do que se for pra apenas colocar ali, se for apenas pra colocar ele numa escola, jogar ele ali e não fazer a diferença que nós já falamos, vai então pra uma escola especial porque pelo menos ali vai estar recebendo todas as coisas... por isso que eu tô te falando que é difícil, eu acho que o aluno tem que entrar sim, teria que entrar muito mais por amor e não pela lei que não pode ser negado, mas a partir do momento que ele está ali o professor tem que querer fazer a diferença na vida dele, se não, ele vai tá ali e vai passar o tempo, que eu acho que pra ele, o que ele vai tá ganhando? Você entendeu? Não sei se eu consegui me expressar

Sim!! Era isso mesmo... Bom, as perguntas se encerraram por aqui, se você quiser falar alguma coisa mais que julga ser importante ou se tiver alguma dúvida, pode ficar a vontade.

R: Não, quero te desejar boa sorte no termino do seu mestrado e que continue lutando, é se unir e falar vamos fazer a diferença na vida dessas crianças.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

PROFESSORA 2 (ENSINO REGULAR) – P2ER

Duração: 27 minutos e 21 segundos

Eu vou começar perguntando, eu tenho aqui um roteiro com as perguntas, só que é um entrevista semiestruturada, então eu vou te fazendo algumas perguntas e se fugir do roteiro não tem problema. Queria perguntar primeiro a quanto tempo você é formada já e a quanto tempo você da aula?

R: Olha, deixa eu fazer minhas contas aqui... Me formei em 2010 minha faculdade, então faz 11 anos. Faz 11 anos que eu sou formada, só que eu comecei a trabalhar, assim, meu primeiro contato com a educação foi antes, foi como estagiária, então faz uns 13 anos, tá, e eu sempre fiquei nessa área, até antes de eu começar a fazer faculdade eu também já trabalhava em escola na parte da secretaria, e a minha profissão foi assim: eu me formei, né, meu primeiro estágio foi no *****, eu fiquei lá 2 anos, então eu fazia faculdade de letras e fiquei lá fazendo estágio, então eu peguei as aulas de apoio, substituía a professora de língua portuguesa, que na época ficou grávida, e aí depois eu comecei a fazer pedagogia na UNESP, e era a tarde, então deu pra conciliar o estágio no ***** e a faculdade, então eu sai do *****, fiz minha faculdade, várias pesquisas, tinha bolsa, aquelas coisas... fiz outros estágios em colégios particulares, a parte de edição, e aí quando eu me formei em pedagogia eu fui pra prefeitura, trabalhei um período na prefeitura de Indiana, e no Estado, depois eu fui pra coordenação, de um colégio particular aqui de Prudente, então a coordenação deu seguimento ao fundamental II e ao ensino médio, depois eu fui pro Rio de Janeiro, morei um tempo lá em Niterói, na coordenação só que na área infantil e fundamental I, então assim, eu já perpasssei por todas as etapas, né, e aí quando eu voltei pra Prudente, não tinha nem um mês e a ***** me chamou, “você pode vir substituir umas aulas?” eu falei claro, tô voltando, né, sem problemas, e aí foi quando em 2019 eu retornei ao ***** e assumi algumas salas, primeiramente como substituição, e depois eu comecei a dividir as aulas com a coordenadora que até era professora de língua portuguesa de todas as séries, e estou lá desde então. Posso falar que já estou lá a treze anos então.

Bastante tempo já, né. Tá! Então depois que você se formou você fez alguma especialização? Tem algum curso extra?

R: Sim, eu fiz gestão educacional aqui pela UNESP, e lá em Niterói quando eu morei lá eu fiz psicopedagogia só que só a institucional, porque lá é diferente, geralmente são as duas, né, lá não, era um ano a institucional e um ano a clínica, e aí eu terminei a institucional só que eu acabei voltando pro estado de São Paulo então eu não fiz a parte clínica que é o que eu quero também.

E aí então você já teve contato com crianças autistas, imagino que bastante né, em treze anos... e aí eu queria te perguntar como que você conhece o TEA? Você deve provavelmente ter conhecido de fato na prática, né, foi assim?

R: Foi, porque assim, na faculdade a gente tem algumas aulas de inclusão, mas assim, muito simplistas, quando eu fiz psicopedagogia eu tive mais acesso e eu já trabalhava no colégio que tinha autistas, só que eu não era a professora, né, ficava na parte da coordenação, mas sim.

E como você conhece o TEA hoje? Como você descreveria o que você conhece sobre o autismo? Não precisa usar termos técnicos, nada disso!

R: Olha, eu vou falar pelo aluno que eu tenho hoje, tá, esse ano eu peguei um aluno que já é aluno do colégio a um tempo, só que nós estávamos nesse metade presencial, metade online, e a família optou por ele ficar online, né, então eu não tive muito contato com ele, a única coisa que eu consegui e foi muito legal, que ele não entra nas aulas, tá, todos os professores fazem a aula diferenciada e adaptada pra ele, a gente faz a gravação relacionando o conteúdo, e a gente aplica usando xxxxxxxx, atividade no caderno, e nós fazemos a gravação pra entrar em contato com ele pra ele também nos reconhecer, e toda nas minhas sextas feiras ele começou a entrar na minha aula, um pouquinho, é o momento que ele tá com o professor particular, ele vai até a casa dele, ele entra, e ele aparece dentro da sala, todo mundo recebe ele, e é aquela festa, né, mas tem características muito específicas do autista, e tem mesmo, tem que adaptar porque ele vai continuar em todas as turmas, ele vai seguir a faixa etária dele perante as turmas, só no cognitivo a gente tem que adaptar, porque com esse meu aluno eu trabalho com ele conteúdo de primeiro ano e ele tá no quinto.

Você dá aula de que matéria?

R: Língua portuguesa e redação. Ele já tá alfabetizado, tá, mas tem aquelas questões da letra muito grande, ele utiliza metade de uma folha pra responder, até inclusive entrei em contato com a psicopedagoga dele, que também já está trabalhando essa questão do tamanho da letra e a gente tá começando a especificar

em espaços de dois centímetros pra ver se... logo um e meio, então a gente tá fazendo isso. Mas é tudo adaptado, com ele ainda é de primeiro ano o conteúdo. Então tem essas características que ao meu ver tem como trabalhar muito com o autista, tem como desenvolve-lo, né, da melhor forma possível, só que tem essas adaptações dentro do colégio, porque ele é difícil, tem que fazer as atividades, até na parte de abstração né, eles não pegam coisas abstratas, então as partes são muito pontuais, é um comando só que eu faço pra cada pergunta, se eu colocar dois pra ele em uma já fica limitado pra ele.

Ok, a próxima pergunta aqui é sobre qual a faixa etária desses alunos que você trabalha? Tem alunos com autismo em faixas etárias variadas?

R: Sim, sim, no infantil tem, no fundamental I, tem um aluno lá na escola que tá no fundamental II, sétimo ano, eu acompanho ele desde o quinto ano, só que assim, não tem mais esse termo de grau, é isso? Não tem mais o grau do autista, existe esse termo?

Tem, tem sim, existe! São três níveis, né, o leve, o moderado e o severo, ainda se fala nisso.

R: Isso, então, hoje esse aluno que tá no sétimo ano, ele é leve, só que assim, ele acompanha, por exemplo, toda semana ele vai a tarde lá na escola uma vez na semana pelo menos pra eu colocar em ordem o conteúdo de português dele, porque como é rápido as aulas ele fica um pouco perdido e ele cansa fácil, sai da sala, e começa a ficar muito irritado quando o conteúdo é muito puxado e ele não consegue entender, então sempre o material dele tá um pouco atrasado, e ele vai toda semana pra gente repor, tirar as dúvidas, mas de modo geral acompanha muito bem, socialização ele até socializa com a turma, só que sempre assim, ele se mantém um pouco isolado por ele mesmo não pela turma, a turma adora ele, então tem essa característica, diferente já desse outro aluno que eu acompanho no quinto ano que já é grave, já é um nível severo, é ecolia que se fala? Ecolalia, repetição demais, demais, demais, tanto que também no vídeo que eu gravo pra explicar pra ele, eu tenho que falar “oi Raafa, tudo bem? Tudo bem, Rafa?”, toda hora tem que ficar voltando, ele pega muito mais assim, na explicação também, uma que tem que ser vídeo curto, porque vídeo longo cansa, e sempre chamando a atenção, falando um pouco mais devagar, né, e até quando ele entra na sala ele fica repetindo “oi amigos, tudo bem? Tudo bem, amigos? Como vocês estão?” então ele tem que ter essa repetição.

Você dá aula do primeiro ano até o colegial?

R: Eu dou aula lá no ***** do quarto ano até o nono ano, então eu pego o fundamental I e II, os alunos que eu tenho mais contato assim durante a minha trajetória profissional foram alunos do fundamental I, até o quinto ano, esse aluno do sétimo é o meu primeiro.

Certo! Vocês têm trabalhos realizados em conjunto com a família dessas crianças?

R: Sim, sim, no início do ano, eles montam o PEI que a gente recebe, eu recebi do aluno que eu acompanho e a gente tem que adaptar, e com a família, por exemplo, com a mãe pelo menos, né, a gente tem contato direto pelo whatsapp, a gente vai se falando, e ela dá o feedback dessas atividades que eu aplico, ela manda “professora, hoje ele fez sozinho” ou “ele apresentou dificuldade”. Esse meu aluno do quinto ano, ele tá tendo resistência na escrita, a pedagoga falou comigo, ele regrediu um pouco, nessa pandemia com o online ele acabou regredindo, e ele tá com aversão a escrita, então a gente também tá trabalhando essa questão, mas é isso. A gente vai adaptando.

E aí perguntando mais específico, como você apontaria sendo a maior dificuldade em trabalhar com essas crianças, e um aspecto de habilidade deles, potencialidades no trabalho...

R: Tá, só fechando aquela outra questão sobre trabalho em conjunto, eu sempre assim tive muito apoio da família com esses meus alunos, os pais entendem, a mãe desse aluno que eu acompanho, me falaram que em outros anos ela era muito resistente, por exemplo, a gente fecha uma nota pra ele, todo mundo igual ate porque ele tá online e não tem como você tirar um 10, você entendeu? Porque eu não tô ali com o aluno, eu não sei, né, e ele tem as dificuldades dele, então era uma mãe que antes cobrava muito, não entendia o porque de ele não tirar uma nota elevada, mas assim, esse ano, e até os outros professores falaram, coordenadora, que ela tá aceitando, teve a questão do aceito, da aceitação dos pais. Então assim, a gente tem que trabalhar muito em conjunto com os profissionais que atendem esse aluno pra gente poder falar a mesma língua. Porque a escola fala, olha, nós temos que trabalhar assim, e vai o psicopedagogo, o psicólogo, e fala não, não é, então os pais entram em conflito e vai querer ouvir a versão que é boa pra eles. Então fechando essa pergunta, nós temos o trabalho em conjunto sim, mas sempre com essa mediação e essa conversa pra fazer um trabalho legal.

Retomando a outra pergunta que seriam sobre as dificuldades e habilidades...

R: Trabalhar a distancia com o autista pra mim tá sendo um desafio muito grande. Olha, tem que montar três atividades por semana pra ele, então as aulas que eu tenho durante a semana na sala dele, eu mando a atividade pra ele, só que assim, eu não vejo né, eu não vejo ele fazendo, eu só tenho o feedback da mãe por mensagem, eu não sei se as vezes ele fica estressado, eu sempre pergunto, né, esses dias eu mandei uma atividade manual, que ele tinha que montar um cata-vento, que a gente tava trabalhando lá o texto, então esse tipo de atividade será que ele gosta? Vai deixar ele muito estressado? Porque eu também não quero deixar ele estressado, e ela disse, não *****, então deu certo, pra mim a dificuldade maior é essa. É enviar atividade pra ele sem saber como tá sendo feito. E a psicopedagoga também entra em contato comigo e fala como tá sendo lá com ela, né, então essa foi minha maior dificuldade, trabalhar com eles online.

E quando é presencial? O que você sente de dificuldade?

R: O presencial aí eu já vou falar um pouquinho desse meu aluno do sétimo ano, que eu acompanho desde o quinto ano, bom, você tem que ter toda aquela calma possível, né, porque ele tem aquelas características de não querer ficar na sala, de chorar, de sair, de ficar dando vários gritos na sala do nada, então tem que dosar aquilo com a turma, e até eles entenderem o que é e tudo mais, mas ao meu ver trabalhar presencial eu acho que é melhor, porque eu vou sentindo o aluno, e no presencial também tem a AT que fica ao lado ajudando e a gente tem uma troca muito legal também, pelo menos eu tinha com esse aluno que tá no sétimo ano, agora no online eu vejo assim: “tá tudo bem, Miguel, você tá me ouvindo?” e as vezes eu vejo ele assim sabe, e ai eu tenho acompanhamento desse outro professor, mas não é sempre, e lá na escola é assim, uma semana presencial e uma online, aí ele chega e tá tudo assim em branco, “não conseguiu Miguel?” “Não, não consegui”, então assim, essa é a dificuldade, no presencial não, a gente tá ali todo dia, a gente pega atividade, “hoje não deu certo? Então vamos sair com ele um pouquinho da sala”, faz ao ar livre, pra fazer atividade a gente tem que ter ali varias cartas na manga, então é bem mais maleável a gente ver o aluno.

E qual você diria que é o papel fundamental do professor pra promover a inclusão desse aluno? Porque uma coisa é o aluno estar frequentando as aulas, e outra coisa é ele estar incluído...

R: primeiro: a gente tem que fazer com que ele se sint a vontade no meio que ele convive, né, e aquilo que eu falei, a outra parte da turma, os outros alunos, eles precisam entender, muitas vezes, por exemplo, o aluno do sétimo ano quando tava no quinto, ele pedia pra sair nervoso, ele chorava, chutava, ele tinha essas reações, então quando ele saia eu conversava com a turma. Então primeira coisa é o acolhimento, que todos fiquem a vontade, o professor com aquele aluno, aquele aluno na turma e a turma com esse aluno também. Depois é fazer uma adaptação, tá, porque por mais que as atividades dele sejam diferentes, o conteúdo tem que estar lá com o que a gente tá trabalhando na sala, que não adianta ele ficar fazendo atividade mas ele não entender o que tá se passando ao redor dele, o que eu to falando, a historia que eu to contando, a atividade, eu acho que isso é fundamental, o acolhimento, a adaptação, contato com a família direto, falar com a equipe e a escola pra eles também falarem como foi em casa pra gente ir mediando.

A próxima pergunta seria sobre a adaptação do material, mas você já disse... e é seguindo o cronograma da apostila?

R: apostila. Eu pego a apostila do primeiro ano que a gente dá lá na escola, e eu vou fazendo as adaptações, e tem também atividade do primeiro ano que também não é condizente a ele, é o que te falei, tem perguntas que as vezes tem dois, três comandos, aí já não vai dar certo, texto também não pode ser longo.

E dá um trabalho, né?

R: olha, eu monto no Dhamberd, não sei se você conhece as plataformas do google, a gente trabalha com o google for education, então a gente tem algumas plataformas educacionais, por exemplo, o Dhamberd, que é muito parecido com o power point, ele liga, ele pinta imagem, ele separa as silabas, coloca os quadradinho e vai separando, é um pouco mais lúdico, também tem o word, né, aí eu faço mais interpretação de texto, e lá da pra inserir links, então assim, ele tá trabalhando o texto e eu já procuro um vídeo relacionado a esse texto pra ele dar um link e ir lá no vídeo, que ele é muito musical esse meu aluno, ele gosta de musica, ele aprende mais... e também tem alguns sites, que eu sempre acho alguns sites bacanas educacionais, desse tipo, então tem que ter muita criatividade, tem que chamar atenção dele, tem que realmente motivar, porque igual um aluno em sala de aula se ele for motivado ele se motiva, a mesma coisa com um autista.

Em relação a família você já respondeu também, que sempre tem essa troca, né...

R: Sim, até quando eu tava na coordenação com esse alunos eu entrava em contato com os pais, os pais sempre estavam ali.

Tá! E todos esses alunos tem uma acompanhante? Ou nem todos?

R: Tem, o sétimo ano tem, esse do quinto tem, e tem um aluno lá no infantil que também tem, todos tem.

E são disponibilizados pela escola ou são contratados pela família?

R: Olha, o que tá com o que eu acompanho é pela família, porque ele vai na casa, acho que até quando tá em presencial é pela família, a do infantil é uma da escola, ficam duas, uma da escola e uma da família que paga.

Certo. E pra terminar, tem uma pergunta que é referente a escola especial, a aí eu queria saber a sua opinião sobre o que você da educação especial e da rede regular de ensino, da educação inclusiva...

R: Sim, olha eu não tenho nenhum problema com a inclusão do aluno em escola regular desde que ela funcione. Porque existe assim, coisas mascaradas, em varias escolas de que o aluno está inclusivo ali dentro... não ele não está, ele só tá indo pra escola, né, então, a questão da adaptação, eu acho que a escola também tem que trabalhar nessa questão de formação do professor, porque realmente professores da escola regular não são todos que tem essa noção, não com os autistas, mas com os surdos, mudos, problemas mentais também, tem toda essa questão, motoras também, e os profissionais infelizmente nem todos tem essa visão e esse entendimento, por isso que eu falo que as vezes não acontece inclusão, porque tem que ter essa formação, tem que ter esse feedback, imagina uma escola pública com 400 alunos você colocar um autista ali e pronto, né, então se realmente acontecer a inclusão como ela deve ser feita eu acho que é super válido o aluno ficar na rede regular, quando não há a preocupação da escola com aquele profissional que tá com aquele aluno de não ter essa inclusão eu acho uma judiação, porque é fictício essa ilusão de que ele tá incluído ali no meio... é, ele tá indo pra escola, e aí? E o resto, né? Então eu acho que as duas escolas são bem vindas pra receber esses alunos, mas a escola regular ela está um pouquinho ainda atrasada em relação as escolas especiais, que já são especializadas nisso, sabem como prosseguir, e a escola regular tem que se enquadrar. Se tiver dentro dela professores comprometidos e a escola comprometida, um alinhamento com os pais e os profissionais que atendem esse aluno, a inclusão acontece. Esse é o meu ponto de vista.

Ok, o que eu tinha pra perguntar seguindo o roteiro é isso o que a gente conversou até agora, se você quiser perguntar alguma coisa que você gostaria de acrescentar ou falar qualquer outra coisa pode ficar a vontade, se não nós já encerramos por aqui.

R: Eu tenho uma dúvida! Nessa escola especial, você também tá acompanhando né?

Sim, mas as entrevistas estão sendo feitas primeiro com os professores da rede regular e só depois é a etapa com a escola especial.

R: Mas você tem alguma informação de como eles trabalham? Com esses alunos autistas...

Não, ainda não. Eu vou começar a partir das entrevistas dessa segunda etapa. Só que não conheço nada sobre como eles trabalham.

R: É uma curiosidade mesmo, até pra saber né, alguma coisa que nos ajuda, pra pensar fora da caixa. Então quando sua pesquisa estiver pronta compartilha com a gente. Era só isso mesmo.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

PROFESSORA 3 (ENSINO REGULAR) – P3ER

Duração: 34 minutos e 08 segundos

Pra começar a entrevista, eu queria te pergunta a quanto tempo você já dá aula, a quanto tempo você já é formada?

R: Camila, eu já sou formada a bom algum tempo, em me formei em 94 pela UNESP de Prudente, minha pós graduação é em alfabetização, mas em 94 eu terminei minha graduação mas em 95 depois da pós graduação eu fui pro Japão, fui pra lá e fiquei 8 anos, e lá não tinha nada a ver com a área da educação, eu fui trabalhar em fábrica, voltei depois de 8 anos e eu não tinha experiência profissional, sai da graduação, fiz a pós e fui, aí eu voltei, procurei meus antigos professores da UNESP, fiz cursos sobre inclusão, alunos especiais, tal, consegui entrar aqui no ***** , estou aqui desde 2003 e essa é a minha experiência profissional: aqui no ***** . Então estou aqui desde 2003. E aqui eu dou aula no período da manhã de matemática do segundo ao quinto, a tarde eu dou alfabetização, sou professora do primeiro ano.

Certo! Então é o fundamental I, né?

R: Isso.

E de que maneira o TEA entrou na sua vida como professora? Porque na graduação e na pós graduação geralmente se vê um pouco sobre mas nada muito profundo, né?

R: Nada muito profundo, exatamente, você falou tudo! Nós conhecemos cada dificuldade, nós estamos falando especificamente do autismo, mas crianças com outras necessidades especiais é também na prática, Camila, eu conheci o autismo somente... nas pós a gente vê pincelado, a gente estuda na teoria o que é o autismo, que tipos, mas a gente vai conhecendo atendendo cada aluno mesmo, cada necessidade, e a gente vê que crianças com autismo com esse diagnostico é muito diferente uma da outra. Você não tem nem como falar, olha, eu trabalhei assim com essa criança no primeiro ano, e ai a gente recebe outro aluno no primeiro ano que não é nada igual, é uma nova aprendizagem pra você, é uma nova adaptação, tanto no conteúdo quanto no manejo. Voce já trabalhou como AT, pra gente professor dentro da sala de aula também é fundamental esse apoio, sabe, que

vocês nos dão como alunas de psicologia, porque vocês estudam o comportamento, a gente faz adaptação no material, a gente faz de acordo com as necessidades de cada aluno, mas por exemplo, cada aluno reage de uma maneira, né, você sabe dos movimentos, a gente sabe que tem os alunos que se desesperam, e aí esse manejo comportamental pra gente é um suporte.

Sim, é por isso que é muito bacana quando essa AT tem uma formação em psicologia, porque junta a psicologia e junta a pedagogia, e enquanto um trabalha uma parte o outro trabalha outra e no total fica muito bom!

R: Isso, e Camila eu acho assim, importante: quando a gente trabalha com essas crianças com necessidades especiais a gente precisa de uma equipe, né, e essa equipe precisa estar sempre falando a mesma linguagem, sabe, então nós da educação entrando em sintonia com o psicólogo, ou com a equipe multidisciplinar, fono, fisioterapeuta, e a gente falar a mesma linguagem em prol deste aluno, pro crescimento, que pode ser muito lento, que pode ser mais rápido do que de outros, né, mas eu acho que essa sintonia com a equipe... É o que você falou, cada um na sua formação, um ajudando o outro, essa equipe multidisciplinar eu acho fundamental.

Perfeito! Se alguém te perguntar o que é TEA, como você descreveria o que é o autismo? Levando em consideração que cada um é de um jeitinho diferente...

R: O que é o autismo pra mim, claro que se a gente fala que são crianças especiais diferentes a gente cai num senso comum, mas eu acho assim, são crianças capazes, claro que o manejo é muito diferente, a maneira como eles nos vêem, nos entendem, nos interpretam, é muito diferente, então nós temos que conhecer, mas eu acho que são crianças capazes, cada um dentro da sua capacidade. Tem criança, né Camila, você que é especialista nessa área, você tá se aprofundando, tem crianças que desenvolvem mais e tem crianças que chegam num patamar e param, mas eu acho assim, fundamental que a família e a equipe que trabalha com essa criança entenda a necessidade dessa criança. Mas eu vejo como crianças capazes, capazes de dentro da sua capacidade, dentro do seu nível, do seu grau, se desenvolver.

Tá, a próxima pergunta você já me respondeu, que é sobre a faixa etária dos alunos que você atende, você dá aula do primeiro ao quinto ano, né? E os alunos que você tem com autismo são de que faixa etária?

R: Eu tenho no segundo ano.

Ok, e existem trabalhos sendo realizados com a família juntamente?

R: Com certeza, Camila, com a família.

Como são esses trabalhos que vocês fazem junto com a família?

R: A nossa escola tem contato com a equipe multidisciplinar que o atende a cada 15 dias, então dentro da nossa sala esse aluno do segundo ano tem um AT que acompanha da área da psicologia e tem uma professora auxiliar que é da escola da parte pedagógica que fica somente com ele, nós temos dentro da sala de aula a professora, nós temos dentro da sala de aula o auxiliar geral e essa auxiliar da escola para o aluno que cuida da parte pedagógica, o material todo adaptado, tem a apostila, tem atividades com enunciados mais simples, por exemplo em matemática, uma conta que já está armada ele entende e ele faz, mas quando tem um probleminha matemático e o enunciado é mais longo nós adaptamos essa atividade, colocamos palavras mais simples, encurtamos com mais objetividade e inserimos figuras por exemplo se o problema não tiver figuras, mas o contexto é o mesmo, cada atividade e cada professor dentro da sua disciplina com materiais adaptados caso necessário e com reuniões a cada 15 dias com a equipe multidisciplinar.

Envolve a família?

R: As vezes a família participa, as vezes não, mas a família é informada de todos os passos com relação a material, ao manejo, como nós trabalhamos, toda a orientação da psicóloga chega pra gente, a gente segue as orientações. Precisamos fazer algum remanejamento? “Olha, nós não concordamos com isso”, e tudo é passado, é feito um relatório, e tudo segue o planejamento individual que é feito no começo do ano.

Legal!! A próxima pergunta é sobre quais pontos destacar quando você atende crianças com TEA? Quais são as dificuldade que você percebe e quais são os pontos positivos que você percebe?

R: Positivos para o aluno ou para a gente?

Ambos, os dois.

R: A nossa escola atende varias crianças com necessidades especiais, não só o autismo né, e eu acho que um ponto positivo é: as outras crianças já não veem como algo diferente, então eu acho muito legal que as crianças ajudam, essas crianças com autismo já chegam procurando pelos amigos. O ano passado nós estivemos com aulas remotas o ano todo, e aí nesse ano nós voltamos atendendo 35% seguindo todo o protocolo, e essas crianças que veem, eles chegam assim

“cadê os meus amigos?”, sabe, então assim, pra ir ao banheiro, ou dentro da sala mesmo pra alguma atividade nós fazemos também trabalhos em grupos com distanciamento de mesas, espaçamento, mascaras, trabalhos em conjunto, e ninguém acha ruim se o grupo tem esse aluno, pelo contrário, sabe... É o jogo matemático, mas é um jogo que um vai ajudar o outro, então você tem uma competitividade mas sabem que um tem que ajudar o outro, por exemplo na tabuada, “olha não é essa resposta, é essa”, então não tem rejeição, eu acho que pra vida social de ambos isso é muito importante.

E quais as dificuldade que você encontra em ter um aluno com autismo?

R: Olha Camila, eu acho assim, se tiver planejamento não tem grandes dificuldades, porque a dificuldade que nós temos com as crianças com autismo é a mesma que nós temos com crianças que tem um pouco mais de agitação corporal, comportamental, entendeu? Então nós temos um planejamento, nós trazemos atividades adaptadas já com antecedência, a escola já xeroca pra gente, a nossa auxiliar de sala já recebe as orientações antecipadamente, ela já sabe o que vai ser trabalhado, ela já sabe e já se programou, então eu já entro na sala e falo “nós vamos trabalhar tal coisa”, no caderno da criança já tem aquela atividade adaptada colada, se não tiver uma adaptação ela acompanha com a interferência necessária, essa auxiliar de sala sempre do lado, a gente procura, assim, quanto mais independência essa criança tiver, é melhor, então essa auxiliar, ela não fica o tempo todo do lado, ela anda pela sala, se for necessário ela vai até lá, é claro, todas as crianças precisam de um toque, “ agora vamos prestar atenção”, nesse sentido, mas a dificuldade eu acho, de comportamento, porque nós temos todo esse suporte, por exemplo, nós temos que determinar “nós vamos fazer essa atividade” e já combina com a auxiliar de sala “depois dessa atividade sai um pouquinho, toma uma agua, vai pro parque e volta”. Tem crianças que não tem necessidade de sair, maneja um brinquedo, monta um brinquedo, acalma, distrai e volta pra atividade, então se for uma coisa planejada e programada fica bem mais fácil. Nós temos também uma criança no quinto ano, mas não está presencial e também não entra online, a gente envia atividades e a mãe nos da um feedback, mas essa criança é mais agitada, grita, mas também depende muito do que a gente combina com as auxiliares tanto da parte de psicologia quanto a nossa pedagógica, de sair, de acalmar, de tomar uma agua, voltar, então cada dia... tem dia que não segue planejamento nenhum, não dá, porque depende muito do estado da criança, mas é questão da gente

sempre tá conversando mesmo, se a mãe por exemplo chega e fala que não dormiu bem essa informação já nos ajuda bastante, se estão dosando a medicação ainda que as vezes dá sono, então são essas trocas de informações mesmo.

Certo, a próxima pergunta seria em relação ao material adaptado, que você falou sobre né...

R: Isso, então por exemplo as de língua portuguesa, se é um texto comprido, resume. Sabe, e sempre com ilustrações, mas como a nossa auxiliar já tem essa programação com uma semana de antecedência, se ela perceber, por exemplo, “corre cutia na casa da tia”, o que é cutia? Não é um animal que a gente vê sempre. Então ela já vai procurar na internet, pra que a criança possa ver no concreto e entender, então a gente diminui a demanda, e trabalha muito com o concreto, matemática também, no quinto ano a gente não manuseia mais o material concreto que a gente chama de material dourado, por exemplo, mas essa criança tem a liberdade de manusear o material concreto, ou as tampinhas, dentro da sala de aula nós temos vários materiais e essa criança pode manusear, mas aos poucos a gente vai tirando a dependência. Por exemplo, o segundo ano, com essa criança nós estamos trabalhando o sistema monetário e aí quais são as moedas e as cédulas em circulação hoje em dia, com essa criança eu estou trabalhando apenas 3 notas: de 2 reais, 5 reais e 10 reais, e a moeda de 1 real, então essa cédula de 2 reais, quantas moedas de 1 real nós precisamos? Então eu já imprimo o material, recorto, cola, e faz a troca... as outras crianças já estão com os centavos, mas pra ele a gente vai diminuindo a demanda.

A próxima pergunta é como é o seu trabalho com os outros professores? Igual você disse da equipe multidisciplinar, você também tem essa troca com os outros professores?

R: Todos os dias, Camila, língua portuguesa, ciências, história, todos os dias. Esse aluno mesmo que não entra em aula online, ele tem um autismo mais severo, e a gente manda desde o ano passado, envia por email ou na plataforma interativa, depende do conteúdo, e aí a gente recebe o feedback mas a gente tá sempre conversando com ele também.

Ok, agora sobre as AT's, todos os alunos com TEA tem AT?

R: Tem.

São ofertados pela escola ou pela família?

R: Agora a gente precisa ter, dentro da sala de aula uma professora auxiliar formada em pedagogia, pra lidar com a parte pedagógica, além da auxiliar que nós temos para o grupo, e uma AT que não é obrigatório, mas todas as crianças que nós atendemos tem sim uma AT da área da psicologia. Não tem como a gente trabalhar independente de vocês. Você chega com uma proposta, porque por exemplo, nós temos estagiarias, e essas estagiarias respondem a um profissional e aí seguindo a orientação desse profissional e chega uma proposta: “olha, quando ele estiver assim, nós vamos fazer assado” e aí a gente já tá sabendo dessa ação então fica muito mais fácil, não tem como não ter esse vinculo mesmo.

E pra finalizar, e se você quiser acrescentar alguma coisa depois fica a vontade, eu queria perguntar qual é a sua ideia sobre educação inclusiva e também sobre a educação especial.

R: Certo, Camila vou ser bem sincera com você, eu não sei te falar como é o trabalho pedagógico em uma escola especial, então... mas a inclusão da maneira como nós trabalhamos eu acho muito valido, sabe, eu como mãe, tenho dois filhos, eu também acho que optaria por isso, independente do grau dessa dificuldade que meu filho possa ter, eu acho que eu também optaria por isso, talvez eu não desse tanta ênfase em conteúdos escolares, mas eu acho que eu também gostaria que o meu filho fosse inserido na sociedade de uma maneira mais amena, ele ser aceito, ele se acostumar com barulho de crianças, certo, sair, frequentar, saber que tem umas regras a ser seguidas, saber que tem uma autoridade, eu acho que mesmo que crianças especiais, crianças com necessidades especiais, eu acho sim que elas precisam de limites, sabe Camila, então é o que eu to te falando, eu não sei como é a parte pedagógica e a parte de socialização dentro de uma escola especial, mas acompanhando aqui dentro da escola, eu como mãe acho que optaria por isso também. Então a minha visão é bem positiva.

E você acha que funciona a educação inclusiva? Ela existe e dá certo?

R: Eu acho! Mas eu reforço, Camila, eu como mãe por exemplo, minha visão é positiva mas eu não focaria muito... claro que nós como mães temos expectativas em relação ao futuro dos nossos filhos, mas eu acho que minha preocupação fundamental, claro que cada pai sabe de qual a necessidade de seu filho, autista ou não, mas criar grandes expectativas é mais difícil. Tem crianças que se alfabetizam, que nós conseguimos ensinar as 4 operações matemáticas, que acompanham o conteúdo sim, mas também tem criança com muita dificuldade, que gente chega

num certo nível e não consegue entender, por exemplo, o mecanismo da multiplicação, mas adiciona e subtrai.

E deixa eu interromper que me surgiu uma dúvida aqui agora. Como é o processo de avaliação? Porque por exemplo, esse aluno que tem mais dificuldade, ele é avaliado como o restante da turma? Em questão de atribuição de nota mesmo.

R: A nota dessa criança especial, quando a criança faz uma prova adaptada, vai se a criança fez sem ajuda, tem algumas siglas, ajuda total, ajuda parcial, da auxiliar, mas é contada a nota da prova normalmente com tarefas, com nota de participação na sala de aula, com o material adaptado, mas nós temos também uma criança que não faz atividade avaliativa, não faz provas, então ele é avaliado pelas atividades que nós enviamos, e pelo relato da mãe, então nós esperamos que ela seja verdadeira. São relatos assim: “olha, ele fez sozinho”, “teve dificuldade, não conseguiu fazer”, então não conseguimos fazer ainda com que ele siga dentro de um limite porque a letra dele é muito grande, então nós avaliamos dentro do processo diário, então depende muito. E pra tudo isso nós temos o consenso da família, a gente já estabelece no plano de atendimento individualizado, junto com essa equipe multidisciplinar, tudo é feito as claras, justificamos as notas, porque não atingiu isso, então no próximo plano ele ainda vai voltar no conteúdo.

Bom, eram basicamente essas perguntas mesmo. E se você não tiver mais nada pra acrescentar a gente já pode finalizar.

R: Eu não, só se você tiver alguma outra coisa pra perguntar. Hora que eu tiver um tempinho eu te chamo e você me fala também, porque eu tenho bastante curiosidade pra saber como é o atendimento nas escolas especiais.

Não cheguei ainda nessa etapa da pesquisa, com a escola especial, mas depois podemos marcar sim, com certeza!

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4

PROFESSOR 4 (EDUCAÇÃO ESPECIAL) – P4EE

Duração: 30 minutos e 29 segundos

Pra começar, que queria perguntar quantos anos você tem de formação, a quantos anos você dá aula?

R: Eu tenho 11 anos de formação, né, graduação em pedagogia, e a 8 anos eu trabalho com a educação especial, então a 8 anos que eu tenho varias especializações na área. Eu tenho educação especial, eu sou psicopedagoga, eu sou especialista em dois ensinios estruturados para autista que é tech e agora o ABA, também sou especialista em ludopedagogia. Então assim, 11 anos como graduação, mas eu trabalho a 8 anos na educação especial.

Tá, então tem todas essas especializações, e como você ingressou nessa área de educação especial?

R: Então, na faculdade nós já temos matérias especificas, né, e nós tivemos uma, eu não sei te falar o nome da matéria especifica, mas falava dessa questão de inclusão, diversidade, de educação especial, mas foi uma coisa bem sucinta, né, então a partir daí eu gostei e quis me aprofundar, mas quando eu ingressei na educação especial eu não tinha experiência nenhuma, entendeu? E eu já entrei pra trabalhar com crianças autistas. Só tinha ouvido falar, mas não sabia, só tinha ouvido falar na teoria, na prática... E ao meu ver teoria e prática são duas coisas bem diferentes, elas devem caminhar juntas, mas são duas coisas bem diferentes. E aí fui tomando gosto, né.

Você já começou trabalhando aqui, logo de cara?

R: Entrei aqui como auxiliar, e aí fiquei 6 meses como auxiliar e logo depois já passei como professora.

E como você me conta essa experiência? Você conhecia muito sobre o autismo?

R: Não, na realidade não se ouvia falar muito, né, de uns anos pra cá devido aos estudos, que ainda não temos nada confirmado, né, da onde vem, não tem nada especifico falando, aí foi que foi surgindo, aí como eu não sabia, e a gente precisa estar assim reintegrada e aí a medida que vão aparecendo coisas novas a gente precisa tá... entendeu? Coisas novas não, porque assim, alguns ensinios estruturados já haviam, já tem, muito tempo, né, nós que não tínhamos o acesso.

Em outros países, tem coisas que já funcionam em outros países tem muito tempo, mas tem coisas que aqui no Brasil, é recente, né.

Sim, muitos estudos que não tínhamos acesso por estar em inglês, né. Tá, e hoje como você me descreveria, o que é, como você conhece o autismo...

R: Bom, hoje eu já tenho uma visão totalmente diferente, né, da época que eu entrei aqui pra agora eu tenho uma visão assim: a gente, são crianças que tem uma dificuldade nessa questão sensorial, né, na integração sensorial, na questão da fala, então alguns conhecimentos que nós já fomos adquirindo já serviram como base pra gente se preparar pra tá recebendo, né, essas crianças, então assim, quando a gente recebe muitas crianças da rede regular, que foram pra rede, e que não tinham um diagnostico, e aí depois que se firmou o diagnostico, algumas não conseguiram ficar e então vieram pra cá. Então pra nós também é interessante essa questão da gente saber primeiro a questão do diagnostico, e assim, junto, porque nós somos uma equipe multidisciplinar, eu não trabalho sozinha, a gente tem toda uma equipe que trabalha junto, e aí a gente já consegue ter uma visão melhor de como agir e de como trabalhar, com essa criança, entendeu?

Certo! A faixa etária que vocês recebem aqui desses alunos com autismo varia?

R: Sim, na realidade, aqui no setor a gente também faz a faixa etária por idade e por grau, né, porque o autismo é classificado em três graus, leve moderado e grave, eu particularmente trabalho com crianças de 1 a 14 anos, classificadas com o grau 2 que é o moderado. Eu trabalho de manhã e a tarde. Trabalho dois períodos com essa mesma faixa etária, de 11 a 14 e tenho um aluno com 15 anos.

E tem bastante alunos? Quantos alunos você tem?

R: Eu com cinco alunos. Nós temos ao total aqui no setor 16 atendidos.

Esses trabalhos vocês realizam também junto com a família?

R: Sim, 100% em parceria junto com a família. A gente não consegue desenvolver um trabalho único só nós enquanto professores. O trabalho que a gente desenvolve aqui tem que ser 100% junto com a família, então eu falo que o nosso carro chefe é a família, então quando a criança é ingressada aqui a gente conversa, discute com família, porque a gente trabalha muito essa questão de rotina, né, a gente entra muito particularmente na casa dos alunos, né, então a gente precisa saber se a família aceita ou não, se a família pretende contribuir com o nosso trabalho e de que forma, então são eles que vão dá esse respaldo pra gente, e a

partir desse levantamento que a gente faz com ele aí a gente vai direcionar pra um trabalho específico.

E esse contato então é feito todos os dias? Diariamente?

R: Sim, todos os dias, agora nós estamos em aula remota. A gente manda atividades todos os dias, tá, então nós trabalhamos com vídeo aulas, nós trabalhamos com atividades impressas, nós trabalhamos com o grupo, né, então assim, todos os dias.

E não está tendo aula presencial por enquanto?

R: Não.

*Tá... Você falou sobre esses alunos que vem da rede regular de ensino. Vocês tem alunos que fazem parte tanto da rede regular aqui da *****?*

R: Não, porque os alunos inseridos aqui na parte da educação não podem estar inseridos, entendeu?

Ah tá, eles podem, por exemplo, estar em rede regular só que tendo atendimentos em outras áreas aqui?

R: Na área da saúde, sim, isso pode. Aqui a área da saúde funciona assim: tem crianças em específico que vem só pros atendimentos técnicos, e os nossos alunos que estão aqui eles também fazem atendimentos em contra turno, meio período com a gente e meio período na área da saúde. Quanto a essa questão da educação eu acredito que não.

Quais são os outros atendimentos que desenvolvem aqui?

R: Tem psicólogo, fonos, fisioterapeutas, tem terapia ocupacional, psicopedagogo, fora a parte pedagógica nós temos também as aulas extracurriculares que estão dentro da grade que é aula de música, aula de informática, aula de artes, aula de educação física...

E essas aulas são feitas individualmente? Igual, você tem cinco alunos, são os cinco juntos ou separados?

R: Então, eu tenho três alunos de manhã, no período da manhã, e dois no período da tarde. Essas aulas eles fazem em conjunto, então eu acompanho, o professor da área específica acompanha, e se necessário uma auxiliar.

Ok, a próxima pergunta é sobre o que você destaca como potencialidade nessas crianças e também como as maiores dificuldades que você encontra?

R: Tá. Vou começar falando das dificuldades. Então aquilo que já te falei, a gente conversa com as famílias, se a família aceita eu digo pra você que o nosso

trabalho é mais eficaz. Aceita no sentido assim, de organização, de dar um respaldo pra gente, né, no caso a gente passa uma atividade e pergunta como foi, se foi favorável ou não, pra nós é melhor, né, agora quando uma família é, vamos dizer, descomprometida, não sei se seria essa a palavra, mas é a palavra que veio na minha cabeça, pra nós fica um pouco mais complicado porque a gente precisa dessa parceria né, a gente não tem um trabalho bem sucedido se não tiver, entendeu? Um trabalho ok, um trabalho que seja mais eficaz. Em relação a potencialidade dos alunos, são assim, a gente vai trabalhando, a gente vai vendo o grau de cada um em relação as atividades e se agente vê que o aluno tem uma potencialidade a gente caminha pra esses lugares, a gente não pode ficar com um aluno aqui que a gente vê que é um aluno que não é de instituição a gente encaminha pra rede, entendeu? Porque aqui a gente trabalha o currículo funcional natural, então assim, é o básico, é sentar... trabalhar independência e autonomia, e a questão da socialização, e nisso a gente vai inserindo as atividades cognitivas, na questão sensorial a gente vai trabalhando muito isso, então se a gente vê que o aluno tem um potencial elevado, aí a gente vai encaminhando.

A rotina de um professor aqui na instituição é de segunda a sexta com os mesmos alunos, ou vocês fazem troca desses alunos?

R: Não, a gente trabalha assim: de segunda a sexta, das oito da manhã até as cinco da tarde, com uma hora de almoço, aí nós temos turmas de manhã e turma a tarde. A gente faz esse rodizio de sala uma vez por ano, porque já está incluído no nosso planejamento essa questão de socialização então a aluno não é só incluído dentro de uma sala, ele é incluído dentro da instituição então ele precisa estar passando por todos os lugares daqui, então tem alunos que ficaram comigo esse ano, e ficarão com outras professoras por essa questão da socialização.

Aqui tem essa questão primeiro ano, segundo ano, terceiro ano...?

R: Não, nós dividimos as salas por questão de faixa etária de idade, e por grau.

E quais são os tipos de intervenção? Você já disse que trabalha bastante com integração sensorial...

R: Sim, a gente trabalha com integração sensorial, a gente trabalha com atividades na parte da grade curricular específica, português, matemática, mas a gente vai adaptando, são atividades adaptadas. Por enquanto a gente não trabalha com nenhum tipo de intervenção especifica aqui, a não ser o currículo funcional, né, que são as habilidades de autonomia do dia a dia da criança, entendeu? Porque?

Talvez você possa me perguntar... porque não tem como ensinar um aluno a ler e a escrever se ele não consegue nem ficar sentado em uma cadeira, né, então assim, a gente faz essa questão principalmente da integração sensorial por conta de lugar, de localização, tem muitos fatores, então a gente toma muito cuidado pra não ter esse excesso de estímulos. Essa questão da rotina a gente preza muito porque pra eles são muito importante, né, essa adequação da rotina, a gente trabalha muito.

Certo! E existe o plano de ensino, conteúdos programados, o PEI...

R: Temos, o Plano de Ensino Individualizado... a gente faz o planejamento de ensino anual e desse planejamento a gente faz um portfólio, no qual são registrados as atividades semanais, e temos um registro com foto, e temos o PEI, porque assim, por mais que a gente trabalhe no grupo, vou especificar a turma da manhã, se eu trabalho com três alunos, mas três alunos autistas de nível moderado, mas são três alunos diferentes, então pra cada um eu tenho que fazer um plano de ensino individualizado, porque tem um que gosta da massinha, mas tem o outro que não segura a massinha, tem o outro que só olha a massinha, então eu preciso fazer a mesma atividade mas diferenciada pra cada um.

Perfeito. Bom, você disse que encaminha pra rede regular se percebe que o aluno dá conta...

R: É, pelo desenvolvimento dele né, vamos se dizer que o desenvolvimento dele aqui é bom e a gente vê que é um aluno que tem a dificuldade mas que consegue, né, a gente encaminha, mas pra fazer esse encaminhamento a gente passa pelo processo de avaliação, aí não é só eu que avalio, aí tem os outros profissionais, aí a gente chama a família pra ver se a família também quer, se a família aceita, porque tem famílias que não aceitam. Tem famílias que não aceitam colocar aqui e tem famílias que não aceitam tirar daqui. Então nós temos a assistente social aqui também, esqueci de falar, é tudo conversado, a gente conversa, a gente se reúne antes, a equipe pedagógica com a equipe técnica, pra depois tá chamando essas famílias.

E quando é ao contrario? E quando chega o aluno da rede regular? Eles chegam a pedido da família normalmente?

R: Então, tem muitos que vão dizer que é a pedido da família, que é o que a gente sempre ouve, o que tá sempre acostumada, mas normalmente, se a família assina é porque a família consentiu, né, nessa parte eu como professora eu não tenho acesso, isso quem tem mais acesso se veio ou se não veio, se foi a escola

que mandou ou se foi a família que quis tirar, eu não tenho acesso a essas informações. As informações que eu tenho acesso é “olha, vai entrar um aluno assim, e aí eu preciso pegar o prontuário desse aluno, um prontuário com todo o histórico dele, eu preciso conhecer, depois conhecer a família, e por ultimo a criança, entendeu? Então é todo um processo.

E esse acompanhamento é feito anualmente? Por exemplo, relatórios, o que é feito pra registrar o acompanhamento desse estudante?

R: Sim, mensal, agora nós vamos fazer um, que nem eu te falei, esse portfolio além da gente anexar as atividades, a gente faz uma avaliação mensal deles e no PEI é semestral. Aí no final do ano a gente faz um que é do ano todo. Por exemplo, se você perguntar que precisa saber e conhecer o aluno tal, a gente tem tudo arquivado, desde quando ele entrou aqui, as avaliações semanal, o bimestre, a cada seis meses, e anual.

Tá! Pra finalizar, aí se você quiser acrescentar alguma outra coisa pode ficar a vontade, e não existe resposta certa ou errada, é a sua opinião, é sobre o que você pensa sobre educação especial versus educação inclusiva, porque a gente sabe que existem muitos pensamentos divergente...

R: Há sempre uma barreira entre rede regular e instituição. Eu vou falar quanto profissional. A inclusão pra mim não existe. Não existe pelo fato do seguinte: quer dizer, estamos caminhando, estamos vendo algum progresso, mas pra gente que tá aqui todos os dias a gente vê que tem muita coisa que não acontece, tá, então pensa o quanto é difícil a gente enquanto instituição receber uma criança da rede regular, tá, porque se você for comparar rede regular com instituição, a rede regular ela tem muito mais a oferecer do que a instituição, certo? Porque? Porque na instituição nós podemos trabalhar com essa criança até um certo limite, depois nós não podemos mais trabalhar com ela.

Que limite você fala, por exemplo?

R: Questão de alfabetização. Vou entrar neste detalhe. Aqui a gente não alfabetiza. Se vem uma criança que é alfabetizada, a gente trabalha, a gente continua trabalhando, mas o nosso foco não é esse. Então assim, se a rede tem mais estrutura nesse sentido pra tá trabalhando com essas crianças, porque que elas encaminham pra gente? E outra coisa também, pra gente estar aqui enquanto instituição, eu preciso ter formação específica, 600 horas em varias áreas, e isso no entanto, até onde eu sei, não é exigido na rede regular. Precisa ter sim específico,

mas não é essa a exigência que nós temos aqui. Além de ter a formação em pedagogia eu tenho a formação em cinco áreas específicas pra trabalhar com crianças autistas. Então eu falo assim: estamos preparados como instituição? Estamos, mas não temos infelizmente as portas todas abertas, de como deveria ser, e não temos uma visão boa lá fora, as pessoas olham as instituições, desculpa o modo de falar, como um depósito, né, um depósito que elas falam assim, vamos dar amor e carinho e nada mais. Um depósito pra crianças que já passaram por diversos lugares e não tem pra onde ir, você entendeu? E não é assim, nosso trabalho não é assim. A gente tá aqui exigindo muito da gente, cobram muito da gente, né, pra gente estar aqui. Eu sei que tanto aqui quanto lá fora tem profissionais e profissionais, isso é em todo lugar, mas eles ainda faltam muito, né, acho que abrir esse campo, abrir esse espaço, por isso que todo ano a gente quanto instituição a gente fica nessa luta, pra provar o que? O nosso trabalho? Nós já temos! Nós já temos provas suficientes. Por isso que eu falo que muitas vezes a ***** em si não é bem vista lá fora.

Você fala em forma de preconceito, né?

R: Também, por isso que falam que a inclusão já começa por aí, inclusão já começa por exclusão. Num lugar que tem tanto pra oferecer, que tem vários profissionais... eu sempre costumo falar pros meus pais que falam, “ah não dá pra mim levar na psicóloga”, eu falo assim: “pai, vamos parar pra pensar um pouquinho que você tem tudo, você tem psicóloga que acompanha, você tem fono que acompanha, fisioterapeuta que acompanha...”, então aí eles percebem que temos muito pra oferecer. Mas isso aí é um assunto muito polemico, muito extenso, se a gente for ficar falando em questões de inclusão, em questões de deficiência a gente fica aqui até amanhã e ainda não vamos acabar...é um assunto bem amplo e cada um tem a sua forma de pensar.

Sim, é por isso que falei que não existe resposta certa nem errada, né, porque envolve muitos pontos de vista.

R: Sim, quando eu recebo uma família da rede regular a primeira coisa que eu pergunto pros pais: porque você tirou?

E qual é a resposta que você costuma ouvir?

R: A questão da inclusão! Se existisse dentro da rede regular, a criança viria pra cá? Entendeu? Eu acho que a escola ela está caminhando pra ser uma escola transformadora? Sim, mas ainda falta muito. Tem muitas pessoas que vão trabalhar

mas não sabem. Quando eu entrei aqui eu sabia que o meu caminho era ir atrás de saber, de ir atrás de teorias e de práticas, e sem contar que cada um é único, não é porque um age de uma maneira que o outro também vai. Então cada um é único, tem suas manias, tem os seus gostos, assim como nós. Então a gente precisa, pra quem trabalha com educação especial precisa saber essa diferença, precisa conhecer essa diferença, né.

Bom, é isso, muito obrigada por contribuir com a pesquisa.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5

PROFESSORA 5 (EDUCAÇÃO ESPECIAL) – P5EE

Duração: 23 minutos e 39 segundos

Eu vou começar perguntando sobre a sua formação... Quando você se formou e desde quando você atua na área?

R: Vamos lá, me formei em pedagogia em 2011 eu acho, e aí quando eu terminei fui trabalhar em uma loja, né, aí assim, eu pedi pra sair da loja numa sexta aí na segunda eu comecei aqui na *****. Aí eu tenho uma pós em educação especial, uma pós em autismo, e eu tô terminando uma pós em ABA.

Ok então, a próxima pergunta seria se você tem especialização em alguma área, então você tem essas três, certo?

R: Isso, é. E tô a sete anos aqui na *****.

Ah tá. E de que maneira você conheceu o TEA? Porque na teoria costuma se ver pouco né, e na prática que acaba conhecendo mais, foi assim com você também?

R: Foi na prática, e foi aqui na ***** , né, que eu entrei aqui, eu era auxiliar, aí eu ficava lá em baixo, e lá em baixo não tem autistas, aí quando surgiu uma vaga aqui pra auxiliar, né, aí a diretora pediu pra mim subir e foi aí que eu tive mais contato com o autismo. Aí foi aí que eu fui fazer uma pós em autismo pra conhecer.

E como foi conhecer isso na prática?

R: É bem diferente, é um desafio, né? Aqui, assim, você tem que gostar. Tem que gostar mesmo, porque tem dias que tá tudo bem, tá tranquilo, mas tem dias que não vai tá bem, né, tem dias que o aluno chega tranquilo, tem dias que ele chega chorando, agitado, nervoso, é o dia a dia.

Se alguém te pergunta, alguém que não entende do assunto também, se alguém te pergunta o que é o autismo, como você responderia pra essa pessoa?

R: Responderia da forma mais... como eu posso falar? Mais simples? Ah, eu falaria sobre as características, eu falaria assim, não tem muita interação social, alguns não conversam, não tem o contato visual, eu falaria mais assim, nesse sentido.

Ah, e eu queria saber a faixa etária dos seus alunos...

R: De manhã eu tenho três, de 10 a 14, e agora a tarde já são os maiores que é de 15 a 25. Tinha uma que era de 30, aí ela faleceu ano passado, aí só ficou com três. Era quatro a tarde, aí ela faleceu, a de 30, uma menina, uma mulher, ficou os três meninos. 15, 18 e 25.

Bem mais adultos, né... então de manhã você tem três e a tarde também três?

R: Isso, aí a tarde eu já tenho uma auxiliar, que eles já são mais... como eu posso usar a palavra... precisam de mais apoio, são mais agressivos, necessitam de auxílio pra ir no banheiro, pra comer, usam fralda, entendeu?

São graus mais severos então?

R: Isso, mais severos. De manhã também. Mas de manhã são pequenininhos e eu consigo ficar sozinha com eles, interagir bem com eles, agora a tarde eu preciso de ajuda mesmo.

Imagino. Como são realizados os trabalhos em conjunto com a família? Existe trabalho com os familiares, né?

R: Existe, mas assim, não são todas as famílias que participam, entendeu? A gente tá agora através das aulas remotas, a gente usa muito o whatsapp pra conversar, né, buscar atividades que a gente prepara. Três famílias desistiram da atividade, elas não fazem, aí elas assinaram um termo de desistência das atividades, aí elas não fazem. Eu não preparo e aí elas não fazem. Elas ficam cientes disso. Agora os outros três já são mais participativos, a família já interage bem comigo, tudo o que eu proponho elas fazem, vem buscar atividades, manda fotos...

Nossa, deve fazer toda a diferença...

R: Sim, agora os outros três, eu passo recados pra elas, mais recadinhos né, tipo buscar cesta básica, vai ter consulta no médico, só, porem com relação a atividade, eu não mando atividades pra eles então a gente não conversa sobre atividade. Eu só converso com os outros três, aí sim são mais participativos.

E não está tendo presencial? Só remota?

R: só remota. A gente teve presencial mas voltou pra fase vermelha de novo. Mas aí a gente levantou uma pesquisa, né, a gente chamou um pai de cada vez, entrevistou perguntando se eles queriam que voltasse ou não... a maioria, os meus eu tenho seis, cinco ficaram por não voltar, só depois da vacina, e um colocou sim.

Esse um que colocou sim ele tava vindo uma vez por semana presencial, aí depois voltou pra fase vermelha aí a gente parou e não voltou mais.

E eles conseguem acompanha via remoto? Porque não é atividade online no computador, né?

R: Não, eu gravo vídeo explicando a atividade, explicando o passo a passo, aí a mãe vê e passa pro aluno, ou quando mando alguma historia, alguma imagem, aí elas mostram pra eles.

Entendi, agora eu queria te perguntar como você destaca pontos com mais dificuldade pra trabalhar com crianças a adultos autistas, qual a sua maior dificuldade em trabalhar com eles, e o que você destaca como potencialidade?

R: Ah, acho que a dificuldade que mais tem aqui é mais em relação a família mesmo. Porque no meu caso, algumas não participam, quando tem reunião de pais não vem, lista de material não manda material, uma falou pra mim “ah, eu só mando ele porque tem que mandar”, ou manda pra deixar aqui, entendeu? Pra descansar em casa, sabe? Acho que essa é a maior dificuldade que eu tenho... agora facilidade, eles são bem diferentes... dificuldade também pode ser a comunicação verbal que eles não falam nada, nenhum deles dos meus, os meus são bem comprometidos... ah, seria o carinho e o afeto, mas aí eles não sabem demonstrar, sabe, eles demonstram do jeito deles, entendeu? Pode ser? Igual tem o *****, ele é bem comprometido, aí eu venho assim nele, aí ele deita assim ó... ou ele vem e dá um sorriso, é bem diferente o carinho deles.

Aham... E como é a rotina aqui na instituição?

R: Assim, mudou algumas coisas né, vou falar de 2019... a gente entra oito horas, eles chegam de vã, aí vão tomar o café da manhã... são duas turmas de manha e uma a tarde... aí eles chegam, tomam o café da manhã deles, aí depois que termina a gente vai no banheiro, faz uma troca de fralda, escova os dentes, faz a higiene pessoal... aí depois quando termina tudo a gente vem pra sala de aula, aí eu mostro o quadro de rotina com as fotinha, aí depois ou faz atividade, depois eles fazem atendimento que eles saem, né, ou vai pra fisio, fono, ou tem dias que eles vão pra educação física, artes, informática e musica, aí segunda artes, terça musica, cada dia tem uma aula extra, aí volta e faz a higiene de novo, troca fralda, troca a roupa se precisar...

Essa parte são vocês que ficam encarregadas de fazer?

R: É, a gente que fica...aí depois a gente vai pro almoço ali na cozinha... a gente prepara, assim, põe no prato deles, né, e da o almoço pra eles... 11 horas é o almoço, aí terminando umas 11h15, 11h20, a gente fica na sala de vídeo assistindo vídeo até esperar a vã chegar entre 11h30, 12h00. Aí meio dia é meu horário de almoço até a uma. Aí 13h00 chega a turma da tarde... aí eles chegam, vão no banheiro, faz xixi, essas coisa, né, aí vem pra sala, faz uma atividade ou faz atendimento, também tem fisio, psicólogo, essas coisas, musica, arte, informática, também tem, aí a gente volta pra sala, assiste um vídeo, ouve uma musica, que os da tarde gostam mais de ouvir musica, sabe, já são maiores então são musicas... aí como eu posso falar... pra idade deles, você entendeu? Sertanejo, eles gostam de sertanejo, aí tem essa rotina, sabe, aí eles voltam e ouvem uma musica ou vai e assiste um vídeo... Três horas tem o café da tarde, depois do café eles vão fazer a higiene de novo, aí quatro e meia até quinze pras cinco é o horário que a gente espera pra ir embora, o horário da perua buscar.

Todos eles vem de perua?

R: Só um que a mãe trás.

Ah tá... certo! E qual é o tipo de serviço oferecido pelo professor? O que vocês tem de conteúdo programado pra esses alunos? Vocês trabalham com alfabetização?

R: Então, aqui já não entra a alfabetização porque eles são bem comprometidos mesmo, aí a gente tá trabalhando com o currículo funcional, porque assim, eles tem dificuldade em se alimentar sozinho, eles não escova os dente, sentar na cadeira eles não sentam, coisas bem básicas do dia a dia mesmo que a gente trabalha.

Caso vocês percebam que o aluno consegue acompanhar esses conteúdos mais elaborados, aí é oferecido também?

R: Sim, é oferecido também. A gente tem outra sala de outra professora que aí sim é oferecido.

O PEI vocês tem aqui né?

R: O PEI a gente tem, mas a gente não tá fazendo no momento. A gente fez em 2019, mas 2020 como veio a pandemia a gente não fez, esse ano a gente também não fez ainda o PEI. Mas a gente faz o plano de aula que é semanal, o cronograma que é de segunda a sexta a gente também faz que é semanal, e agora agente também vai começar a fazer o planejamento mensal que a gente vai entregar

pra nossa coordenadora todo final de mês, aí a gente vai fazer esses três. Só o PEI que ainda não.

Entendi. E como é a relação de vocês com a família?

R: Quando tem alguma dificuldade quando eu mando alguma atividade... aí elas falam se não conseguiu fazer e tal. A gente sempre tá conversando.

Até essas questões de autonomia, independência... vocês têm essa troca de dar dicas e instruções de como fazer em casa?

R: Sim, a gente auxilia também.

Esses alunos matriculados aqui na instituição eles vem encaminhados dos próprios pais? Por escolha dos próprios pais? Porque vocês tem alunos de 20 anos, aí como funciona? Porque na rede regular de ensino tem primeiro, segundo, terceiro ano... aqui não é assim, né?

R: Não. Eles vem pela rede.

A rede encaminha?

R: A rede encaminha pra cá. Então, os mais velhos eu não peguei, entendeu? Eles já tavam aqui, eles tem mais de quinze anos aqui na ***** então eu não peguei essa época, mas os novinhos que são os três, eles veio pela rede.

Quantos anos eles tem?

R: De 10 a 14.

E a rede que encaminhou?

R: A rede que encaminhou. Agora os maiores quando eu entrei aqui ele já estavam, mas acredito eu que seja a rede também.

É que já faz tempo que eles estão aqui, né.

R: Quinze, vinte anos.

E não tem idade pra eles pararem de ter esse serviço aqui? Mesmo se eles estiverem com 50 anos, por exemplo, mesmo no serviço de escola, o pedagógico, no caso com vocês professores.

R: Não, não tem. Lá em baixo tem uma sala de 30 anos. São alunos acima de 30 anos, tem o de 30, 40, 50.

Ok... Sobre o acompanhamento desse estudante, vocês tem alguma ficha de evolução ou avaliação? Como é feito esse acompanhamento? Pra evolução... ou relatório...

R: a gente faz avaliação por bimestre, será que seria isso?

É, pode ser, e como é feito essa avaliação?

R: A gente coloca se ele conseguiu realizar a atividade, se ele evoluiu, se tem dificuldade... seria avaliação bimestral que a gente faz, primeiro, segundo, terceiro e quarto bimestre.

Certo... Pra terminar, é uma pergunta que também não tem certo e errado, é pra eu saber a sua opinião sobre. Sempre existiu essa divergência entre rede regular e escola especial, eu queria saber o que você pensa sobre educação especial e o que você pensa sobre educação inclusiva.

R: Então, será que é inclusiva? Será que... aí, não sei. Então, aqui na educação especial, aqui na *****, aqui no setor, são casos de autismo mais grave, né, e na minha opinião eles não acompanharia o ensino regular, né, eles teriam essa dificuldade.

Mas o que você pensa sobre educação inclusiva? Ela é eficaz?

R: Eu acho que existe. Eu acho que existe sim.

Certo... Bom, era isso. Se você quiser acrescentar algo ou perguntar também fica a vontade.

R: É que eu não sou muito de... tenho muita vergonha.

Pode ficar tranquila. Mas se quiser perguntar algo ou falar pode ficar a vontade...

R: Não.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6

PROFESSORA 6 (EDUCAÇÃO ESPECIAL) – P6EE

Duração: 18 minutos e 44 segundos

Eu vou começar perguntando sobre a sua formação. Há quanto tempo você é formada e há quanto tempo você dá aula?

R: Então, eu me formei em pedagogia em 2008, né, depois eu entrei num curso de pós graduação em 2010, foi quando eu entrei aqui na *****.

*Então você já tem mais de 10 anos aqui na *****...*

R: Isso, fez 11 anos.

E essa pós foi feita em que área?

R: eu fiz a pós em educação especial, né, que foi com ênfase em deficiência intelectual, só que agora nós estamos terminando o curso de ABA, estamos terminando.

Então você tem essas duas pós? Sobre deficiência intelectual e sobre ABA?

R: É, porque aqui no autismo, no setor do autismo, eu só tô a 2 anos, antes eu trabalhava no setor de baixo que era só deficiência intelectual,

Entendi. E de que maneira você conheceu o TEA? Porque na graduação a gente ouve falar, mas conhecendo na prática é uma experiência diferente, né, e de que maneira você descreveria o autismo se alguém te perguntasse o que é?

R: Assim, se alguém me perguntasse o que é eu diria que o autismo são crianças que tem muito pra apresentar, só que é no mundinho deles, então a gente tem que instigar e fazer com que eles... Eu procuro no máximo mudar minha tática pra que eles façam as coisas que eles não querem, né, pra que eles venham pro nosso mundo também. Claro que é difícil porque as vezes a gente faz alguma coisa e eles não querem mesmo e ocorre de ter alguns surtos, alguma coisa, a gente tem que tá ligado nisso pra poder não ocorrer outras vezes, né, então assim, não que eu queira que ele faça uma coisa e vou impor, não. Tem que ser muito bem trabalhado, bem planejado.

Tá, a faixa etária dos seus alunos... quantos alunos você tem? E de que faixa etária eles são?

R: No período da manhã eu tenho três alunos que é de 5 a 9 anos... É que eles são meio afastado, né, mas é assim, de 5 a 9 anos, e no período da tarde eles tem entre 12 e 14 anos, são mais três alunos.

São três alunos de manhã e três a tarde, tá. E esses alunos, vocês tem acompanhamentos com a família deles?

R: Então, agora no momento a gente tá mandando as atividades remotas, né, mas a gente tem contato todo o tempo pelo whatsapp, a gente tem, assim, mantido o contato todos os dias praticamente. Só tem um aluno que a mãe abriu mão e não tá tendo esse contato. As outras estão interagindo bem.

E aí essa troca é feita todos os dias?

R: Isso, eu mando atividade a cada 15 dias. Hoje, exatamente hoje, eu mandei para as últimas 3 semanas de maio, mas por exemplo, amanhã eles vão fazer a atividade de amanhã e vão mandar pra mim pelo whatsapp, aí elas falam as dificuldades que tiveram, falam se foi boa a atividade ou não, e aí vou tendo contato com eles.

Certo! E como é a sua rotina aqui na instituição? Eu queria saber, por exemplo, em tempos normais sem pandemia, e agora estando em pandemia, porque já que não alunos aqui o que é feito no período que você estão aqui, e antes como era?

R: Tá, antes da pandemia a gente trabalha com currículo funcional, então assim, sempre trabalhei bastante atividade relacionado ao dia a dia mesmo né.

Esse currículo funcional é sobre isso? Eu não conheço. É sobre colocar demandas que fazem parte do dia a dia?

R: Isso, que fazem parte do dia a dia. Aqui na ***** a gente não tá trabalhando tanto com o foco em alfabetização. Como são alunos bem comprometidos a gente trabalha pouco a alfabetização, então, nosso trabalho é coisa do dia a dia mesmo, como por exemplo, não tem como eu ensinar um aluno a ler e escrever antes dele saber pegar num lápis, se servir de água, acender a apagar a luz, trocar de roupa, essas coisas assim, então a gente trabalha mais nessa parte. Os meus alunos da tarde eles já são alfabetizados. Assim, eles não estão na fase ainda de ler um texto sozinhos, mas reconhecem as letras, reconhecem palavras, números, aí a gente trabalha mais com caderno com eles, mas os da manhã não, é mais estimulação tátil, e trabalho com bastante coisas no concreto, por exemplo, a

gente trabalha muito com fichas, a gente trabalha com a rotina deles, monta uma rotina, assim...

Ok, aí voltando aquela pergunta sobre a rotina do professor antes da pandemia e hoje em dia... como que é?

R: A rotina nossa... Você fala de planejamento... a gente planeja a semana, né, tem o planejamento anual, e agora nós temos o mensal, e o planejamento da semana. Então por exemplo, no mês eu sei que eu vou ter que trabalhar aquele tema, então eu faço o planejamento daquele tema na semana. Então eu chegava aqui as oito, a gente trabalha com uma turminha das oito ao meio dia, com esse planejamento da semana, eles tem também outras atividades, assim, artes, informática, educação física, musica, então a gente faz assim, planeja, e tem a turminha da tarde que é da uma as cinco, e assim, dessa mesma forma. Eles tem o horário do almoço deles, eles almoçam aqui, tem o cafezinho da tarde também pro pessoal da tarde.

Ok, se fosse pra você destacar entre esses alunos pontos positivos e pontos com mais dificuldade em trabalhar com eles o que você destacaria?

R: Pontos positivos, é que assim pequenas conquistas que a gente consegue deles é uma vitória, e o que eu acho de mais complicado seria o envolvimento da família mesmo, porque assim, aqui na ***** a gente tem um pouco de dificuldade com isso, porque nem todos os pais procuram se envolver, então as vezes assistente social entra em contato por causa de medicamento, e nem todos tem esse respaldo da família. É mais isso mesmo.

E você atribui ou consegue fazer algum link dessa falta de comprometimento do aluno com algum fator externo deles?

R: Eu como professora, como pessoa, não sei se talvez seja isso mesmo, mas eu acredito que seja assim por conta de muitas cobranças que eles recebem. Muitas cobranças, as famílias... é muito difícil ter um filho autista, né, então as mães já vem cansadas, tem medo de cobrança. Então assim, a ligação da escola pra elas já assusta, né, porque eles vivem todo um luto, vivem toda aquela dificuldade, e até descobrir esse autismo também já sofreram muito, então é aquela coisa que você vê que é um pouco por causa disso também.

Sim... quais os tipos de intervenções oferecidas pelos professores aqui? O que de fato é trabalhado?

R: Isso, a parte da autonomia, a parte do despertar, porque eles tem hipersensibilidade e a gente tenta fazer com que diminua, né, a gente trabalha a rotina, trabalha essas coisas assim.

E sobre o plano de ensino e conteúdos programados, você disse que são feitos de forma semanal, mensal e anual. De que forma eles são feitos? Existe avaliação?

R: Essa parte do mensal começou a pouco tempo, antes era só o anual e o semanal, que a gente tinha pra seguir uma linha de trabalho,

Porque surgiu o mensal?

R: Porque o mensal, assim, foi visto na pandemia que as vezes o que a gente planejou no começo do ano, é, várias intercorrências vão acontecendo. Então planejou no inicio do ano mas aí tem algum surto, tem a falta de medicação, aí as vezes o aluno não tá bem, alguma coisa assim que atrapalhava o desenvolvimento do ano, né, e a gente não trabalhava aquilo tudo, então a gente tá fragmentando mais em mês.

Ok!! Como é a sua relação com a família dessas crianças? Vocês tem diariamente essa troca de conteúdo?

R: Agora na pandemia sim, antes não. As vezes eu tenho dificuldade assim, de chegar o final do ano e a mãe não saber o nome do professor, não vou dizer todos os casos, né, alguns pais são uma graça, as mães participam bastante, vinham em todas as reuniões... Mas a gente vê que o caso mais difícil é aquela mãe que menos participa.

E hoje em dia são todos os dias por causa das atividades remotas?

R: Por causa das atividades remotas, e mesmo assim ainda tem as vezes aquelas que são mais resistentes, tem aquela de um aluno que ela abriu mão... ela assinou uma documentação dizendo que não queria participar.

E as reuniões são de forma bimestral?

R: Sim, bimestral. E claro que toda vez que tem alguma dificuldade, alguma coisa, a gente passa pra coordenação, é feito um estudo de caso com o pessoal da psicologia, os técnicos que atendem ele também, né, estudo de caso e se necessário chama a mãe, faz uma reunião, mas assim, em casos que há mais necessidade, se não é só bimestral.

Aham, certo... é, os alunos que você tem hoje matriculados eles também estão em fase de primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... pelo que me falaram

aqui não tem, né? Essa questão de ano comparado a rede regular, mas vocês seguem a BNCC? Ou alguma coisa assim...

R: Sim.

E como é feito esse trabalho? As crianças chegam por pretensão da família, encaminhamento da escola?

R: É, geralmente tem um encaminhamento da escola, né, eles passam por uma avaliação pelos técnicos, e depois dessa avaliação é passado pra nós, então assim, são avaliados e nem todos que a família quer que entre, não, tem até uma lista de espera também, então é avaliados os casos que tem mais necessidade, que se enquadram e que estão necessitados, né. As vezes são encaminhados pela escola sim, faz uma orientação com a família e a família procura essa avaliação, né.

Entendi! E essa instituição faz o acompanhamento desses alunos em relação a evolução do quadro? Não deve se ter prova né? Igual tem em escola regular... mas como é feito então?

R: Assim, a gente faz relatórios, né, de acordo com o avanço que ele tem pra aquela proposta que a gente fez, então por exemplo, eu faço uma avaliação no começo do ano que chama PEI, e a cada seis meses reavalio e vejo o que ele conseguiu e o que ele não conseguiu, e aí a gente vê se foi a forma como foi ensinado ou se foi alguma coisa que deu errado no meio do caminho pra replanejar .

Entendi... Pra finalizar, tem uma pergunta aqui, e aí depois se você quiser fazer alguma colocação, dizer alguma coisa que eu não tenha perguntado, pode ficar a vontade. Não existe certo ou errado pra essa pergunta, queria saber o que você pensa sobre escola inclusiva versus escola especial?

R: Eu penso assim, alguns alunos que tem a capacidade de ir pra uma escola regular, de ser alfabetizado, de ser incluído no meio de outras crianças, e há aqueles mais comprometidos que é o nosso caso aqui, né, os mais comprometidos eu acho que primeiro ele precisa de uma base aqui que é um trabalho mais individualizado, né, um trabalho mais voltado especificamente pra ele, mas eu acredito que algumas crianças tem condições de estar na rede.

Você acredita então na possibilidade de uma educação inclusiva?

R: Sim, eu acredito, mas assim, em alguns casos, em alguns casos porque tem aluno que por alguma dificuldade dele talvez ele não se adeque tanto lá com tantos alunos, e aqui seria um trabalho mais especificamente voltado pra ele.

Não tem como a criança fazer parte das duas escolas simultaneamente, né? Estando matriculada na rede regular e aqui também...

R: Olha, até tem, mas aí não seria na educação. Seria um aluno que frequenta a escola regular e ela vem aqui para o ambulatorial, que daí então ela faria atendimento com psicólogo, fisio, fono, mas aí são casos avaliados pra ver as condições do aluno. Tem até alunos que já entraram aqui e fizeram a base aqui e depois foram pra rede, os pais optaram, né, por voltar.

Bom, eram basicamente essas as perguntas que eu tinha pra fazer, mas se você quiser tirar alguma duvida ou falar alguma coisa que eu não perguntei mas que você acha importante falar, pode dizer, se não a gente já pode encerrar.

R: Não, acho que só, eu sou um pouquinho ruim pra falar, fico ansiosa pela gravação

Entendo, mas fica tranquila, foi ótimo, muito obrigada!

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7

COORDENADORA 1 (ENSINO REGULAR) – C1ER

Duração: 31 minutos e 25 segundos

Pra começar eu queria saber sobre você, a quanto tempo você tá nesse cargo de coordenação e qual a sua formação.

R: Tá, minha formação primeira é em letras, eu fiz letras e depois fiz especialização e estudo de texto e logo depois, eu acho que eu tinha 1 ano de formada em letras, eu fiz pedagogia. Depois fiz uma especialização na UNESP em educação infantil, e eu atuo aqui no ***** desde 2000, faz 21 anos. Na coordenação há uns 18 mais ou menos.

Ah tá, antes você dava aula aí e depois passou pra coordenação?

R: Exatamente.

Ok então, bastante tempo de casa já, né. Tá, agora eu queria entrar mais nessa área do TEA e te perguntar como você conheceu o autismo na prática ou até mesmo na teoria.

R: Na teoria foi na formação, né, na graduação, fava-se muito pouco quando eu fiz letras, quase nada na verdade, depois quando eu fiz pedagogia já foi trabalhado um pouquinho mais, mas mesmo assim muito pouco, eu fui ter mais contato, é, na verdade minha irmã era psicopedagoga da ***** , por isso eu te perguntei escola regular, porque a Lumen aqui em ***** trabalha com autista, e minha irmã trabalhava só com autista, e então eu passei a ter mais contato e depois aqui no ***** com as crianças, né, e você acaba aprendendo na prática.

Tá, se alguém chega pra você e te pergunta o que é o TEA, de forma simples, pra alguém não entende o que é, como você explicaria?

R: Bom, é, Transtorno do Espectro do Autista, né, eu acho que são particularidades especificidades de cada um, mas uma pessoa, normalmente criança, né, mas uma pessoa com dificuldade de interação social e de comunicação, linguagem, enfim, uma pessoa com características muito peculiares do espectro, né.

É, são uma das principais características mesmo, o prejuízo na comunicação e interação. Eu queria te perguntar em relação as matriculas. Como que funciona a parte das matriculas desses alunos com TEA? Geralmente eles já chegam com o laudo ou vocês descobrem depois?

R: Olha, aqui nós nunca tivemos casos de descobrir depois, assim, de os pais negarem ou esconderem o diagnóstico. Nós já tivemos casos de crianças entrando no maternal I por exemplo que não tinha diagnóstico, então os pais não contavam porque na verdade não sabiam, alguns até desconfiavam de alguma coisa diferente mas não tinham o diagnóstico, não estavam escondendo o diagnóstico. As vezes estavam num processo de ver que tem alguma coisa diferente, mas não quer, nós tivemos um caso de um menininho que era filho de uma psiquiatra inclusive, não tinha diagnóstico e depois que veio pra escola nós fomos percebendo, aí vai e chama a família, a família fala a gente percebia que tinha alguma coisa, mas não investigaram, agora de esconder não, a maioria chega e conta, e acho que não tem nem como também. As vezes não trás diagnóstico, isso é um problema, eles chegam falam que o filho é TEA, mas eles não tem nenhum documento que comprove isso, então no caso a gente tem que pedir pra cadastrar como aluno de inclusão pelo sistema da Diretoria de Ensino, tem que ter o laudo médico. Mas de esconder nós nunca tivemos, não.

Tá. Então geralmente chega sem o próprio conhecimento dos pais e a escola até serve pra levantar um alerta de que tem alguma coisa possivelmente, aí os pais vão atrás e tudo mais. Você falou em relação do diagnóstico que quando tá pra fechar que tem que levar documentação pra comprovar que tem... você chegou a comentar mas eu não consegui entender... Você falou de um cadastramento?

R: Tem, tem o cadastro da Diretoria de Ensino. É o cadastro geral, né, do estado que todos os alunos são cadastrados. No momento de fazer o cadastro tem a opção: é portador de alguma necessidade especial? E aí tem os quadradinhos pra gente preencher, né, pra falar qual é a necessidade especial, então a gente pra colocar a criança no cadastro a gente precisa ter o laudo médico.

Essa parte fica encarregada pra vocês coordenadores?

R: Não, é a secretaria. Tanto que se uma criança sai, por exemplo, a gente recebe uma criança de inclusão na hora de fazer o cadastro vai aparecer, porque tem todas as informações dessa criança, vem todas as informações.

Certo. Qual é o papel de uma coordenadora na escola? Quais as funções que você desempenha aí?

R: Muitas!! Um pouco de tudo, mas é mais a função de orientação, é coordenação e orientação pedagógica, então essa orientação é tanto para professores quanto pra alunos e família, então eu faço esse gerenciamento aí, esse

atendimento, a orientação para professores como sugestão de atividades, de trabalhos, tudo mais, orientação com relação a sala de aula e também com as famílias inclusive.

Entendi. Quais são os trabalhos que vocês realizam com os pais ou responsáveis? Eu falo especificamente da criança com TEA porque é o foco da minha pesquisa, mas existe algum trabalho realizado com a família dos alunos?

R: Olha, Camila, aqui o ***** é uma escola pequena e muito família, né, nós temos essa característica de ser uma escola muito próxima da família, então nossa conversa com a família é quase que diária, por exemplo, nós temos um whatsapp, né, que é o contato direto, por exemplo, a mãe que manda mensagem direto “ah aconteceu tal coisa”, então acontece direto, por exemplo, a gente tem um aluno com TEA no quinto ano, temos vários mas esse é só um exemplo, esse aluno não voltou pras aulas presenciais, ele continua online, por opção da mãe, e aí eu tenho um contato quase diário com a mãe, porque, “olha, a professora postou atividade na plataforma”, porque as vezes a professora posta e ela não vê, e é individual né, toda a atividade é diferenciada, então “olha, a professora postou vídeo” então é esse atendimento, assim, muito personalizado, e fazemos reuniões bimestrais, né, convidando os pais, mas agora com o agravamento da pandemia, a principio no inicio do ano a gente pretendia fazer presencial, mas com o agravamento da pandemia nós tivemos que fazer essa ultima online, mas é assim cada professor, a gente não faz reunião coletiva, então por exemplo todos os pais numa sala e vamos falar dos filhos, não, é reunião individual com cada família.

Ah tá, muito legal!! Passando aqui pra próxima pergunta... quais os pontos que se destacam ao atender crianças com TEA? Quais as maiores dificuldades e o que você destaca como positivo? Tem alguma forma especifica de abordagem?

R: Camila, aqui é assim, bom a escola tem que oferecer, por lei oferece um professor de apoio auxiliar, nós fazemos... além de oferecer esse professor auxiliar que é exclusivo para o aluno, a escola faz um plano de atendimento individualizado, que chama PEI, né, Plano de Ensino Individualizado. Nós fazemos esse plano baseado no que o aluno sabe e no que ele precisa, então, quais são os objetivos, nós temos alunos que acompanham a turma, só que mesmo acompanhando a turma eles precisam por exemplo de um auxilio para interpretação, de um material concreto pra matemática, então de qualquer forma tem que ter esse plano de atendimento individualizado. Então são duas coisas: o profissional e o plano, e nós

trabalhamos muito com esse respeito as diferenças, então nós nunca falamos para todas as crianças da sala “o fulano é diferente”, não, todos nós somos diferentes, então tem esse trabalho de conscientização, e tal, tudo bem. A maior dificuldade que eu penso hoje são as famílias porque as famílias tem uma expectativa, as vezes, com relação a notas... tem aluno que só decodifica, por exemplo, ele lê, realmente ele lê, se você colocar lá “gato” ele vai falar “gato”, mas ele não sabe o que ele falou, e a mãe é preocupada com nota... se ele tira um 7 a mãe pergunta porque não foi um 10, outras mães por outro lado, tem acesso a informações como, uma aluna, não sei se você viu, saiu faz uns 15 dias, uma aluna autista conseguiu uma vaga na faculdade de medicina... as mães... the good doctor da globo... nossa, aquilo é um desserviço eu falo, porque todas as mães acham que, né, o filho vai chegar... eu não acho que não tenha que ter esperança, mas eu acho que se a gente trabalha com a realidade é muito mais fácil, né, e aí também por outro lado nós temos profissionais, né, todos os nosso alunos tem uma equipe multidisciplinar que acompanha e infelizmente hoje nós temos profissionais que falam aquilo que a família quer ouvir, então por exemplo, “nossa, o potencial dele é excelente, ele vai vai vai, porque ele é muito inteligente, porque ele sabe tudo sobre dinossauro”... Mas é um hiperfoco né, ele só fala de dinossauro, só sabe de dinossauro, então essas são algumas dificuldades. O que nós falamos pra família: confie na escola, confie nos profissionais e deixa seu filho ser feliz. Deixa aprender no tempo dele, né, vamos focar em questões que são necessárias pra vida, então por exemplo, dá um dinheiro e deixa ele ir na cantina, vamos ver se ele vai conseguir ter o troco, saber, enfim, coisas assim. É, esses alunos muitas vezes tem a AT, né, que é o que você foi, Acompanhante Terapêutica, e mesmo a escola tendo que oferecer o profissional de apoio escolar, PAE, Profissional de Apoio Escolar, a família pode, a escola consente que a família tenha uma AT também, pela questão do manejo comportamental, porque muitas vezes o profissional de apoio escolar não vai ter o manejo adequado porque a formação é outra né, e tem a dificuldade dos pais, tem pai que fala que vai tirar a AT, a gente fala “olha, pela dificuldade de interação social e tal, não é tão simples assim, vou tirar e pronto”, então eu acho que a maior dificuldade é lidar com as expectativas da família.

Perfeito, esclareceu muito bem... Agora indo para um outro caminho, eu queria perguntar sobre essa relação de inclusão. O que vocês priorizam como sendo uma escola inclusiva aí no ambiente onde vocês estão trabalhando?

R: É o que eu falo sempre pra todos, porque nós temos dois lados da moeda, nós temos alunos com TEA que precisam ser respeitados nas suas particularidades e tudo mais, mas nós temos os outros alunos que também precisam ser respeitados e tudo mais, né, tem o direito de ter uma educação de qualidade, enfim, então o que eu costumo falar para os pais é o seguinte: a inclusão parte de um principio que tem que ser boa pra todos, eu não posso incluir o aluno com TEA, ou com qualquer outra necessidade especial, e menosprezar ou inferiorizar o outro aluno, então o que a gente tem feito aqui é tratar cada um com a forma adequada que é pra ele, então por exemplo, o aluno com TEA sai da sala de aula de meia em meia hora porque tem que ir lá fora, correr um pouco, tem as estereotipias, tal, pra depois voltar, o outro que quer fazer essa mesma coisa, não, você não vai fazer porque você não precisa disso, e eu também não posso falar pro aluno com TEA você não vai sair porque o outro não pode sair, porque ele precisa daquele tempo e o outro não precisa, então nós entendemos com inclusão isso... fazer , proporcionar, oportunizar as coisas de acordo com a necessidade de cada individuo.

Sim, ok, em contra partida existem também as escolas especiais que também faz parte da minha pesquisa, e você quanto coordenadora, qual a sua visão sobre as escolas especiais?

R: Olha, sinceramente, eu tive uma vivencia grande com as escolas especializadas, e eu acho que em alguns casos, nós temos, não é porque é autista que são todos iguais, né, então nós temos casos de alunos que estão super bem, acompanham o grupo, conseguem imitar o outro e tal, nós temos graus de autismo mais elevado, mais grave, que a criança grita o tempo inteiro, nós tivemos um caso assim aqui, e que nós falamos pra mãe “olha, porque ficar obrigando a ficar na sala de aula tentando ensinar se ele não tá nem aqui, ele tá só gritando o tempo todo, ele não consegue nem sentar, que jeito você quer que ensine o menino a pegar no lápis? Não conseguindo nem sentar”, então eu, pela vivencia que eu tenho, eu valorizo muito, acho que tem um preconceito muito grande em torno dessas escolas especializadas, nós já tivemos que encaminhamos alunos pra escola especializada e a mãe falou “você quer que eu desista do meu filho?” então existe um preconceito muito grande, mas em alguns casos eu vejo que valeria muito mais estar em uma escola especializada realizando atividades especificas pra ele do que estar na sala de aula pra aprender a diferença entre paisagem natural e cultural. E tem mãe que “porque tem que aprender, tem que aprender, tem que decorar” olha, tem hora que

eu fico indignada, mas depende muito da família, né, então... eu ia te falar uma outra coisa, deixa eu lembrar o que era... ah tá! Muitas vezes existe esse preconceito aqui, mas nos Estados Unidos existem centros especializados pra atender os alunos com TEA... Outro dia teve uma mãe que veio aqui e falou “meu sonho é morar nos Estados Unidos pra minha filha ter um ensino especializado”, aí eu falei mas porque aqui no Brasil você é contra?

Vocês têm casos de crianças que estão matriculadas aqui na rede regular e fazem acompanhamentos em escolas especializadas em contra turno?

R: Não. Nós temos alunos que fazem o que seria quase que uma escola especializada, mas pra não levar na escola especializada eles levam nas clínicas, por exemplo, são clinicas mas não é só pra fazer terapia comportamental, então é pra fazer a terapia, é pra aprender a brincar, pra aprender comer, vai almoçar na clínica pra ver se diminui a seleção, eles são muito seletivos, então faz tudo como se tivesse numa escola especializada, mas tá numa clínica.

E por ultimo pra perguntar, como são organizadas e desenvolvidas as atividades com esses alunos? Porque por exemplo em rede regular só que normalmente nas escolas públicas existe o AEE que tem toda aquela sala multissensorial e etc, e na escola particular é muito raro encontrar alguma que tenha, e aí como vocês fazem isso? Esse serviço que você já disse que é individualizado né, mas como é na prática?

R: Olha, tem sempre o professor exclusivo pra esse aluno, então por exemplo, se o aluno, nós tínhamos uma no pré II, então ela precisa de uma caixa com alguns objetos com textura, pra trabalhar textura, então é montado esse material e ela vai trabalhar com isso com a professora de apoio escolar, normalmente quando está dentro da sala de aula e o aluno tem condição cognitiva ele acompanha a turma, logico que com adaptações, né, adaptações de material, de ajuda, né, adaptação pra execução e adaptação de material. Quando é um aluno mais comprometido que não acompanha a turma ele pode até ser tirado da sala de aula pra fazer a atividade. A gente prioriza ficar na sala de aula por questão do grupo, né, pelo convívio social, mas as vezes esse aluno sai e faz uma atividade que as vezes exige um pouco mais de concentração e aí ele estando no grupo ele não consegue aí faz fora. Isso é muito de cada um, né, muito personalizado, por exemplo, todos os alunos precisam de rotina, só que quando eles vão crescendo, nos alunos do fundamental a rotina é o horário de aula, e o aluno olha o horário em

que ele está, porque acabou português e vem matemática, vem geografia, enfim, pro aluno com TEA nós temos a rotina visual ali com imagens, e aí nós elaboramos tudo plastificado e aí tem a plaquinha com velcro, enfim, nós vamos trabalhando de acordo com cada um.

Perfeito. Você sabe me dizer quantos alunos vocês tem aí matriculados com TEA?

R: Deixa eu pensar que eu já te falo. É...1, 2, 3, olha nós temos 4 se eu não me engano, 4 alunos que eu lembre assim de cabeça. Educação infantil tem uma e fundamental temos três.

Ah tá. Ok então! Bom, eram essas perguntas mesmo, se você quiser acrescentar alguma coisa ou perguntar alguma coisa pode ficar a vontade.

R: Não, acho que é isso Camila, acho que falamos tudo!

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 8

COORDENADORA 2 (EDUCAÇÃO ESPECIAL) – C2EE

Duração: 37 minutos e 21 segundos

Eu queria começar perguntando como é a rotina de uma coordenadora aí na instituição?

R: Bom, eu trabalho de segunda a sexta, né, das oito as doze e das treze as dezessete, faço quarenta horas de trabalho. Eu tô na instituição há 32 anos, mas não como coordenadora, né, eu tive varias funções, e agora, não me lembro assim, recente, te falar a quanto tempo eu tô na coordenação porque eu fui substituída, eu dei aula aqui na *****, já fui professora, né, fui pedagoga, fiz o papel de psicopedagoga também, e agora eu faço o trabalho da coordenação junto com a ***** que é a diretora, né, pedagógica, e o meu trabalho aqui na ***** é basicamente orientar os professores dentro das disciplinas, né, porque agora a gente tá trabalhando com disciplinas, que antes a gente não fazia esse trabalho, tem a grade curricular mas deu uma alteração nas disciplinas, né, e as orientações são semanais, mesmo agora remotas, né, mesmo na pandemia elas vem uma vez por semana e a gente conversa como tá sendo o trabalho remoto com a família porque foi uma mudança muito radical pra todo mundo, pra nós e principalmente pra família que tem família que não tem meio de comunicação, né, nas redes sociais, tem o entendimento mais restrito, enfim, então foi um trabalho meio que tartaruginha, né, mas agora que fez um ano já, né, a gente já melhorou bastante, os professores tiveram muita dificuldade, eu também né, porque tudo novo, foi uma coisa bem diferente, e no começo a gente teve algumas duvidas mas agora tá tudo certo, né, e a gente até mudou a proposta das atividades, porque antes a gente mandava semanalmente, né, as atividades eram mandadas semanalmente, alguns professores conversando com os pais, né porque todos os professores tem o grupo da família no whatsapp pra se falarem, né, então a gente trabalhava semanalmente nas atividades. Alguns vinham buscar aqui na *****, né, impressas as atividades no papel e outro optaram por ser por chamada de vídeo ou vídeo explicativo, né, fazia a atividade e fazia um vídeo explicando a atividade pra família. Porque assim, a gente pensa quando vai montar a atividade, eu falo a gente porque eu também me envolvo com os professores, eu falo que tem que ser atividade que a família consiga, né,

fazer com o seu filho, não é que o pai ou a família vai ensinar o filho a realizar a atividade, são atividades que já foram trabalhadas, né, as vezes a gente faz uma adaptação, uma melhora, da uma melhorada na atividade, né, e a gente pensa bastante na família porque eles que vão desenvolver com o filho, e teve bastante família que tem dificuldades porque eles não sabem exatamente o que o filho fazia aqui em sala de aula, então vários pais achavam que eles vinham só pra ser cuidados, né, não tinha essa visão de que tem atividades, que tem que cumprir o planejamento, né, tem rotinas, tem horários, tem aulas de musica, educação física, informática, artes, então a maioria da família não sabia o que o seu filho realizava aqui, até porque eles nem vem em reuniões de pais, né, é a minoria, então a gente fica meio que preso porque a gente não tem a comunicação na reunião de pais que é um momento bom de conversar, então a gente fica nessa luta. Mas assim, em geral, teve uma evolução muito boa com a família dentro das atividades, e semana passada, eu sempre faço reuniões com eles, né, no meet com os professores, todo mês eu faço uma reunião a cada 20 dias, 15 dias, conforme for necessário pra gente conversar, porque como eles voltaram a trabalhar e depois já saíram de novo, porque tivemos que suspender as aulas, ficou decidido que eles viriam a cada 15 dias e não semanalmente, então fica vago, né, o trabalho, a orientação, e dá um seguimento bom, então a cada 15 dias quando eles tem atividades já prontas e eles falam que tá tudo certo e acha que não precisa vir, evitar de vir aqui, né, também não tá podendo ficar vindo, né, e ficar o dia todo, mas a gente tá fazendo um cronograma, né, pra não tumultuar com eles, porque se fosse por eles eles queriam vir todos os dias, mas não pode, né, então o que nós pensamos, na semana passada eu pensei comigo, bom acho que vai ser melhor a gente fazer atividade mensal, montar tipo um caderno de atividades dentro das disciplinas, né, e as professoras aderiram, elas acharam legal, a gente monta, eu ajudo a montarem as atividades quando eles me solicitam, tudo, eu ajudo a pesquisar dentro das dificuldades de cada um e a gente tá montando as apostilinhas, ficou bem legal, os pais adoraram.

Essas disciplinas que você fala seria o português, matemática...?

R: Isso, português, matemática, deixa eu te mostrar aqui a grade, não sei se você vai conseguir visualizar... dá pra ver?

Ah, não dá! Ah tá dando sim... Educação artística, física, ciências, historia, geografia, matemática, português, tem tudo...

R: A grade é essa, aí tem a quantidade de aulas que a gente precisa ter, e a apostilinha ficou assim ó, essa é das meninas do autismo, então elas montam as atividades dentro da proposta da sala, né, deixa eu mostrar aqui algumas atividades pra você... Ó, elas fazem bastante coisas concretas, né...

São por disciplinas?

R: Aqui na apostilinha a gente não coloca por disciplina, a gente monta tipo um... Deixa eu ver se aqui tem... Coloca as orientações, as orientações pra família, como realizar a atividade, mas pra eles a gente não coloca a disciplina. Essa aqui é do autismo, vou pegar mais uma só pra você ver aqui.

Essa proposta vocês estão trabalhando recentemente então?

R: Faz duas semanas. Então essa daqui é de outra professora, ó... essa daqui é do ensino fundamental, que a gente tem os programas, né.

Esse é pro autismo também?

R: Não, esse é pro fundamental. Tem a capinha que elas fazem, as atividades, elas colocam as atividades do mês. Aí elas dividiram para os pais entenderem por semana, porque se não eles fazem tudo, né, então é por semana mesmo que seja o caderno eles vão fazer por semana, porque eles precisam enviar para mim os registros visuais, entendeu?

Entendi. Eles mandam fotos por whats da atividade?

R: São cinco atividades por semana, ó: 31 a 02 do seis, aí aqui elas vão fazendo a atividade.

E os pais estão aderindo bem?

R: Estão. E tão gostando, e eles também gostam, né. E aí, ó, por semana, elas vão montando. Tem o material de apoio também que é uma das atividades que tá no meio da apostila... Aí manda tudo prontinho

Legal, bem legal mesmo! Eles buscam esse material na escola?

R: Buscam. Porque é um... pelo menos vir buscar eles precisam vir, né. Que nem agora eles estão vindo uma vez por mês, então uns reclamavam "ah eu não posso ir"... agora uma vez por mês não vai atrapalhar a rotina deles.

Tá, voltando aqui pra entrevista, queria te perguntar, a sua formação é de... pedagogia?

R: Isso, pedagogia!

E você tem quais especializações depois da graduação?

R: Eu fiz psicopedagogia, eu fiz a pós em educação especial , né, 600 horas, eu fiz a pós de autismo também, e terminei o ABA agora, faz uns 4, 5 meses.

Certo, e como você conhece o TEA? Porque as vezes em graduação e pós a gente vê bem superficial né... Quando você começou a ter esse contato mais íntimo, mais próximo?

R: Quando eu entrei na ***** que eu era professora, a gente tinha um autismo, só que não tinha essa visão antigamente, né, eu não conhecia, eu comecei a conhecer quando a gente montou o programa do autismo aqui, que aí começou a ser uma coisa mais específica do setor do autismo. Aí através das pós mesmo, dos estudos, fui conhecendo. Não me aprofundei em autismo porque a minha profissão não tem que ficar PHD em uma coisa só, mas eu sei assim, coisas básicas. Não sei coisas técnicas que nem você diz, o que eu aprendi foi na pós mesmo, agora na pandemia foi uma coisa ruim porque sinceramente não dá pra gente aprender o que realmente a gente quer aprender, né, porque como não foi presencial a gente fica com várias dúvidas, mas aí a gente tem o ABA aqui agora, né, que dá um norte bastante importante, né, mas conhecer o autismo assim a gente tem, difícil né... que nem o síndrome de down, você já sabe que ele tem síndrome de down, então é mais fácil... agora como o autismo é científico, é complicado, né, você não pode ficar falando que é autista, qualquer um é autista, então a gente depende dos laudos médicos também... então é assim que eu vou me aperfeiçoando... pesquisas, essas coisas...

*Bom, eu queria saber como funciona a matriculas desses alunos com TEA que chegam na *****. Eles vêm encaminhados de outras escolas? Eles chegam espontaneamente?*

R: Tem alunos de outras escolas que fazem a parte da saúde né, atendimento da saúde, que vem encaminhado ou de médicos, ou da própria família, aí faz a avaliação de entrada, assim, não tem uma coisa só específica do autismo, os deficiente intelectual, é o mesmo processo, não tem diferença no autismo, então eles vêm, faz matrícula, faz a coleta de dados com a família no serviço social, aí é agendado a avaliação com os técnicos da área que é psicólogo, psicopedagogo, fono, essa parte da saúde, então é feita a avaliação, marca uma data pra família vir, e quando termina de fazer a avaliação com a equipe técnica marca a devolutiva com a família pra conversar sobre a avaliação no geral. Aí nessa avaliação o psicólogo vai falar pra gente se tem a deficiência intelectual dentro do autismo, tem uns que

não tem, né, então se ele for F71 de moderado a grave ele faz parte da clínica lá da ***** , independente do autismo ele vai frequentar o setor mas ele é clientela da ***** , na área da educação e F70 leve a gente não atende a parte educacional porque não pode, a porta de entrada é ou município ou escola estadual que a família opta. Então tem esse critério pra poder matricular na educação.

Certo. Antes da pandemia, como eram realizados os trabalhos juntamente com a família?

R: Você fala de conversar com a família?

É, qualquer trabalho que fosse realizado com a família. Era o que? Reunião de pais...

R: A gente tem reunião de pais bimestral, ou quando precisasse de uma orientação extraordinária a gente solicita a família que compareça na escola para conversar. Então não tem assim específico só na reunião de pais, vai depender do assunto, da importância, enfim.

Como você destacaria, se eu perguntar pra você quais são os pontos de facilidade e dificuldade pra atender a demanda com TEA?

R: Bom, a dificuldade que nós temos, eu vou falar da educação, tá, na sala de aula que a gente tem aqui. A dificuldade que nós temos é da família em si, né, eles tem bastante dificuldade de entender porque eles acham que aqui não é uma escola, né, eles não tem essa visão de que aqui é escola. Mas aqui é escola, uma escola especial mas é escola. A gente acompanha a grade da Diretoria de Ensino, tem homologado os documentos, então a dificuldade que a gente tem é da família comparecer aqui pra gente dá o andamento, né. Tem família que o aluno dá problema de comportamento em casa, quebra as coisas, aí eles vêm aqui e quer que a gente resolva o problema, só que não é só resolver o problema do aluno em relação ao comportamento, porque eles precisam de medicação e tem família que é muito relutiva a medicação, né, e aí quando o problema é muito, é, sai do nosso controle, aí a gente conversa com o médico que acompanha que geralmente é o daqui da escola mesmo, e a médica pede pra família dar um intervalo de tipo assim 15 dias ou uma semana pra ficar em casa. Porque a gente não pode, não tem como ficar com um aluno agressivo aqui que bate porque tem outros alunos e a gente precisa preservar ele que tá com comportamento naquela hora agressivo e o outro que tá dentro da sala de aula. Então a gente trabalha assim.

Sobre essa visão da escola especial, eu queria entender, como é feito o AEE aí na escola? Tem um plano individualizado pra cada aluno?

R: Tem, o PEI, que a gente começou antes da pandemia a montar, que é o Plano de Ensino Individualizado. Nós paramos com esse documento por causa da pandemia, porque tem que fazer avaliação inicial, tem que fazer varias etapas, né, pra gente concluir o plano e trabalhar em cima dele, então nós paramos no ano passado e esse ano, mas a gente tem sim o plano individualizado de cada um.

Pra finalizar eu queria te perguntar, é mais pessoal essa pergunta sobre como você pensa, sobre a escola regular inclusiva versus a educação especial, porque tem muitas divergências de opinião, né.

R: Olha, divergências realmente tem bastante, né, até em relação as escolas mesmo, estado, particular... Eu vejo muita dificuldade, não sei se essa a palavra, dos professores da rede em dar um acompanhamento individual dentro da sala de aula na rede, né, porque tem vários alunos, não tem só o autista lá, o deficiência intelectual, enfim, então o que que acontece, o professor fica meio que amarrado, então não consegue nem fazer uma coisa e nem fazer a outra coisa, aí o que acontece, se eles não tem o acompanhamento com a equipe multidisciplinar eu acho que fica difícil pros professores da rede dar um trabalho voltado para o autista, né, ali eles acham que problema de comportamento começa, porque o autista você que é da área, estudando, você sabe que eles tem as regras dele, alguns ficam nervoso, vai querer quebrar as coisa, rasgar, e aí os professores, alguns, confundem que eles não tem a deficiência pra vir estudar aqui na *****, né, então os professores precisam saber, né, pedir pros pais, diretora da escola, tem que ter o laudo médico pra saber qual é a deficiência, se é só o autismo, se tem o autismo com a deficiência intelectual associada, que na maioria das vezes o autismo já é associado com a deficiência intelectual, né, é mais difícil de trabalhar, porque os que tem só o autismo você consegue trabalhar melhor porque tem o cognitivo mais preservado, eles entendem mais. Então aí o que que eu penso na parte da educação inclusiva... que é bom, mas tem muita coisa pra mudar ainda, né, mas se deixar o aluno que precisa de inclusão e deixa ele dentro da sala de aula só pra poder tá incluso lá, né, inclusão eles falam “é socialização” mas em qualquer lugar que eles forem eles se socializam do jeito deles, né, a gente não pode ficar pensando só em socialização, onde ele vai a sociedade vai estar e ele vai estar na sociedade, né, então o que a gente tem mais, eu particularmente, penso que a inclusão ainda tem muito o que mudar,

melhorou bastante? Melhorou! Mas tem que mudar mais, né, porque os professores da rede, eu não sei não conheço como é os critérios de curso, de capacitação, essas coisas, eles precisam ter isso, pra saber como trabalhar com o autismo. Não é só o professor, não é só a ***** , nós que somos educação especial, a família também tem que estar integrada nesse trabalho, se não, não surge efeito. Então aqui na parte do autismo, no ABA principalmente, dentro do protocolo é conversado com a família, explica certinho o que vai ser feito, o que eles precisam fazer, qual que é a função da família dentro desse trabalho, né, do ABA, e se a família falar “não, não quero”, aí ele só fica dentro da sala de aula, mais pra saúde, então são os critérios que a gente tem que tomar, se não vira bagunça, né, só acha que é ***** , ou só acha que é escola, ou município, ou o estado que tem obrigação, e tem que ter uma sequencia de trabalho, se não, não flui, e com esse protocolo a gente fica respaldado porque o pai vem aqui e fala “ah, meu filho tá assim, meu filho não aprendeu nada, tá assim, tá assado” a gente tem um documento pra falar “olha, o senhor tinha tudo na mão, não precisava pagar nada, e o senhor abriu mão” nessa hora infelizmente a gente não pode fazer nada, obrigar a família, porque o filho é dele, ele sabe o que é melhor, e a gente tenta avaliar.

Bom eu acho que era isso mesmo o que eu tinha pra perguntar, se você quiser falar alguma coisa que eu não tenha falado e você acha importante dizer, pode ficar a vontade.

R: Não. Eu só queria te mostrar o plano de atividade, não sei se você se interessa.